

Arcangelo Scolaro

JOAQUIM E ANGELA  
SCHIOCHET SCOLARO

*Um caminhar de fé*





Arcangelo Scolaro

**JOAQUIM E ANGELA  
SCHIOCHET SCOLARO**

Um caminhar de fé

Goiânia-GO  
Kelps, 2022

Copyright © 2022 by Arcangelo Scolaro

**EDITORA KELPS**

Rua 19 nº 100 – St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 – Goiânia-GO

Fone: (62) 3211-1616

E-mail: [kelps@kelps.com.br](mailto:kelps@kelps.com.br)

homepage: [www.kelps.com.br](http://www.kelps.com.br)

**GESTÃO DO PROJETO GRÁFICO**

**Andréa Kochhann**

**REVISÃO**

**Silvia Alves Tavares Scolaro**

**PROGRAMAÇÃO VISUAL**

**Victor Marques**

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte

**Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294**

S422	Scolaro, Arcangelo Joaquim e Angela Schiochet Scolaro: Um caminhar de fé. / Arcangelo Scolaro. – Goiânia: Kelps, 2022.  130p.  ISBN: 978-65-5370-080-2 (Impresso) ISBN: 978-65-5370-138-0 (E-book)  1. Literatura brasileira. 2. Memórias. 3. Biografia. I. Título.  CDU: 821.134.3(81)-94
------	---

**DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2022

## **Dedicatória a Joaquim**

“Meu primeiro amor foi uma enxada para capinar a roça, foi com ela que escavei o chão da vida, para encontrar o caminho da fonte onde hoje na velhice posso saciar minha sede.”

(Maria A. Pontes)



## **Dedicatória a Ângela**

Mulher camponesa  
Sua força impressiona,  
Mulher, mãe, líder, dona de casa.  
Em tudo produz,  
És virtuosa,  
A esse título faz jus.

Mulher de muitos valores,  
Muitos amores...  
Muitas dores...  
(Márcio Matos)



# Sumário

Prefácio – Os Scolaro e a terra do coração.....	9
A título de apresentação .....	11
1 - O trajeto da Itália até Caçador .....	15
2 - A bela Itália: berço incomparável .....	23
3 - O trabalho .....	43
4 - A comida .....	61
5 - As bebidas .....	75
6 - Os dias interessantes.....	79
7 - Brincadeiras de nossa infância .....	89
8 - A espiritualidade .....	93
9 - Os sonhos.....	111
A título de conclusão.....	121
Referências.....	125
Memórias .....	129





# PREFÁCIO

## OS SCOLARO E A TERRA DO CORAÇÃO

Terra à vista	Todas elas
No coração	Regadas
Mar sob os pés	Com cultura
Assim partiu	Trabalho
Os Scolaro	E fé
Com fé	Que os mantêm
	Como povo
Fé	Em pé
E cultura	
Em cada remada	A parreira
Abrindo as águas	É o símbolo
Para uma nova jornada	Dos Scolaro
Na terra do sol	Pai e mãe
	Com coragem
A terra	E cuidado
Itália	Fizeram as podas
Ficou para trás	Para a vitalidade
O amor a ela	Vir de dentro
Foi trazido	Pra fora
No coração	
E a identidade com ela	Como galhos
Está no sangue	De uma parreira
De uma nova	Os Scolaro se
Geração	Espalharam
	Rio Grande do Sul
Os Scolaro	Santa Catarina
Sempre partiram	Paraná
Com a força do sol nascente	E Goiás
Já vendo	Mas nenhum
No poente	Deixou
A esperança chamar	Para trás
	O que aprenderam
Os Scolaro	De seus pais
Na terra do sol	
Realizaram	
Muitas partidas	
Muitas chegadas	

Os Scolaro  
Na terra do sol  
Não perderam de vista  
A resistência  
Por isso  
A insistência  
Na política  
No mutirão  
Numa Igreja-libertação

A casa  
Dos Scolaro  
É casa de fartura  
Não faltam  
Leite  
Queijo  
Pão  
Comida  
Que sustenta  
O corpo  
E Mantém aberto  
O coração

Na história  
Dos Scolaro  
Tem  
Uva  
Polenta  
E vinho  
Não são só  
Comida e bebida  
É o que mantém  
A família unida

Para terminar  
Uma última  
Lição  
Vida de Scolaro  
Vida de irmão  
Se aprende na  
Cuia de chimarrão

De: Flávio Alves Barbosa  
Para: Arcângelo Scolaro  
Goiânia, 13/11/2020

# A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO

## JOAQUIM

Nome bíblico, nome forte  
Origem e índole humilde, é certo  
Muito caráter na alma,  
Bem de acordo com o homem

Pai dedicado, rígido, amado  
Aos filhos todo o cuidado  
Não podia faltar comida  
A escola todos encaminhados

Trabalhador incansável, robusto  
De sol a sol na lavoura a lidar  
progresso sem ambição buscar  
Exigência forte sem ser injusto.

Empreendedor inconformado  
Tinha sonhos e, terra aumentar  
pequena fazenda para zelar  
Construiu quase emocionado.

Dirigir comunidade convocado  
Nunca se fez de rogado, animado  
Lugar para encontro dominical  
Um sonho realizado, doado.

A graspa, companheira diária  
Ao chegar um ritual sagrado  
O bom vinho produzia e apreciava  
Bebendo na cozinha ou na área.

Falava português e italiano  
Na prosa misturava, sem problemas  
Cultura italiana na alma, entranhada  
Família “Dove intrigo non hanno”.

A Deus louvor, pelo pai a nós dado  
Devemos a ele muito do que somos  
Os seus ensinamentos, guardados  
conceda bom lugar, agraciados fomos.

## ÂNGELA

Nome de anjo, Angelina  
Uma pequena anja, enviada,  
mulher meiga, amável,  
sensível, linda, junina.

Mulher gentil e hospitaleira  
Dos filhos, do marido, casa  
Zelava com presteza, zelava  
tempo às flores que tanto amava.

Mulher simples, camponesa  
Pouca leitura, no coração muita fé  
As primeiras lições do catecismo  
Aos filhos ensinou, redor da mesa.

Ótima cozinheira, bons pratos  
Cozinha italiana, gaúcha adicionou  
Polenta, capeletti, “tortei”, macarrão  
A gente comia com satisfação.

As roupas do trabalho costurava  
As rasgadas remendava, dedicação  
Muito sorriso nos lábios, mansa  
Cuidado! Energica se, necessitava.

Dos vizinhos não descuidava  
Frequentemente, comadres visitava  
Trocavam ideias e produtos da terra  
Solidária, os doentes consolava.

Mulher guerreira, onze filhos criou  
Sem contar os que no caminho ficou  
Triste destino, a vida não prosperou  
O marido, na roça não foi sozinho.

Ao Pai eterno o nosso louvor  
Por esta mulher valente e valorosa  
Nos trazer ao mundo, prover alimento  
Esposa e mãe bela santa e amorosa.

**JOAQUIM**



**ÂNGELA**



## JOAQUIM

Nome biblico, nome possente  
Origine e indole umili, è certo  
Molto carattere nell'anima,  
all'uomo ben confacente  
Padre dedito, rigido, amato  
Ai figli molte attenzioni  
Non poteva mancare il mangiare  
Agli studi tutti ha incamminato  
Lavoratore instancabile, robusto  
Tutti i giorni sotto il sole a lavorare nei campi  
Cercava il progresso ma senza l'ambizione  
Molto esigente, senza essere ingiusto.  
Imprenditore ostinato  
Aveva sogni e, espandere la campagna  
Un piccolo podere da accudire  
Ha costruito quasi emozionato.  
A dirigere comunità è stato chiamato  
Mai si è fatto implorare, energico  
Il luogo per un incontro domenicale  
Un sogno realizzato, donato.  
La grappa, compagna di tutti i giorni  
Al rientro un rituale sacro  
Il buon vino produceva e assaporava  
Bevendolo in cucina o nei dintorni  
Parlava portoghese e la lingua degli italiani  
Nella parlata li mescolava, senza problemi  
Cultura italiana nell'anima, radicata  
Famiglia senza intrighi arcani.  
Lode a Dio, per il padre che ci ha dato  
Dobbiamo a lui molto di quello che siamo  
I suoi insegnamenti, custoditi  
Gli conceda un buon posto, una grazia ci ha  
accordato.

## ANGELA

Nome di angelo, Angelina  
Un'angioletta, inviata,  
donna dolce, amabile,  
sensibile, bella, "junina"<sup>1</sup>.  
Donna gentile e tutti ospitava  
I figli, il marito, la casa  
accudiva prontamente, attendeva  
coltivava i fiori che tanto amava.  
Donna semplice, contadina  
Leggeva poco, nel cuore tanta fede  
Le prime lezioni di catechismo  
ai figli insegnò attorno alla cucina.  
Ottima cuoca, pietanze buone  
Cucina italiana, quella "gaúcha"<sup>2</sup> ha assimilato  
Polenta, cappelletti, "tortei"<sup>3</sup>, maccheroni  
La gente mangiava con soddisfazione.  
I vestiti da lavoro confezionava  
Quelli strappati rammendava, con dedizione  
Molti sorrisi sulle labbra, mansuete  
Attenta! Energica quando necessitava.  
I vicini di casa non trascurava  
Frequentemente, la comare visitava  
Si scambiavano idee e i prodotti della terra  
Solidale, i malati consolava.  
Donna combattiva, undici figli ha allevato  
Senza contare quelli che lungo il cammino  
ha perduto  
Triste destino, la vita non ha preparato  
Il marito, in campagna non ha trascurato.  
Al Padre eterno la nostra lode gioiosa  
Per questa donna coraggiosa e valorosa  
Che ci ha dato alla luce, fornito alimento  
Sposa e madre bella, santa e amorosa.

(Tradução de Vittorio Spinelli)

1 Nata nel mese di giugno

2 Relativa alla regione brasiliana del Rio Grande del Sud

3 Piatto di origine italiana e corrispondente ai tortelli di zucca



# I

## O TRAJETO DA ITÁLIA ATÉ CAÇADOR

Com todos os sonhos possíveis, a migração nunca é uma coisa fácil, o deixar a família e perseguir um sonho, seguir uma missão, já é muito difícil. Imagino eu então como seria uma família partir para o desconhecido com todas as dificuldades de transporte e comunicação da época. Deixavam para traz parentes, amigos, enfim uma vida, partiam, praticamente no escuro, se entregavam ao sonho e se entregavam nas mãos de Deus.

### 1.1 Um pouco de história da Itália da época da migração, século XIX

*Que coisa entendeis por uma nação, Senhor Ministro? É a massa dos infelizes? Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos pão branco. Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho. Criamos animais, mas não comemos a carne. Apesar disso, vós nos aconselhais a não abandonarmos a nossa pátria? Mas é uma pátria a terra em que não se consegue viver do próprio trabalho?"* (resposta de um italiano a um Ministro de Estado de seu país, a propósito das razões que estavam ditando a emigração em massa) (FERNANDA, 2019, p.2).

A Itália vivia uma crise bastante aguda, crise política, a questão da unificação e crise econômica. A crise econômica atingia de modo muito especial os camponeses. No norte da Itália esta crise em relação aos camponeses era mais grave, faltava terra para trabalhar, a pobreza era grande, faltava até mesmo lenha para aquecer no inverno rigoroso da região. No Norte, além da falta de terra para trabalhar a agricultura ainda era muito rudimentar, não havia tecnologia necessária, e o investimento do governo passa a ser na industrialização. Assim surge a ideia e começa a acontecer na prática a primeira leva de migrantes para o Brasil, isto na década de 1870. Grande parte dos que vieram eram de origem humilde.

O Brasil era visto como um novo horizonte, uma terra nova e com muitas possibilidades. Na segunda metade do século XIX a crise de emprego se agrava na Itália. Outro fator que influenciou na migração foi o alto crescimento populacional ocorrido no país, o que não foi acompanhado pelo crescimento econômico do país e geração de empregos. Ao mesmo tempo em que os italianos tinham dificuldade para encontrar terra para trabalhar ou emprego, o Brasil estava necessitando ser ocupado e produzir alimentos.

Ao fundar a escravidão (1888), os proprietários de terra preferiram a mão-de-obra vinda da Europa, ao invés de permanecerem com os negros libertados. O governo brasileiro fez questão de buscar na Itália, lá fez campanha para atrair italianos (CANCIAN, sd).

A imigração da família Scolaro para o Brasil começou em 1883. Foi em busca de melhores condições de vida, que a família Scolaro partiu da Itália, emigrando para o Brasil. A história de nossos antepassados inicia em novembro de 1883, quando o casal Giuseppe Scolaro com 66 anos de idade, e sua esposa Giovanna Masetto, com 54 anos, nascidos em Schio, cidade pertencente



a província de Vicenza, localizada ao norte da Itália, juntamente com o filho Santo Scolaro, com 39 anos, casado com Catterina Sbalchiero, e os filhos destes, Luigi, com 14 anos, Giuseppe com 11 anos e Lúcia com 7 anos, deixam o vilarejo de Schio – Itália e embarcam no porto de Genova, no vapor Scrivia, rumo ao Brasil.

## 1.2 Cidade de Schio, Vicenza, Veneto – Um pouco da história que veio junto



Fonte: <https://es.wikipedia.org/wiki/Schio#/media/File:Schio->

Do norte da Itália, da Província de Vicenza, primeiro foram os campesinos, na verdade os sem terra, sem trabalho e que estavam vivendo uma situação de pobreza e até miséria. Inconformados e trabalhadores de brio e empreendedores, não deixam por menos, ir em busca de qualidade de vida para os seus.

Cidade pequena, na época, mas segundo aponta os dados foram mais de trezentas famílias, só desta localidade que se dirigiram para o Brasil.

Procuramos aqui entender melhor, o porquê desta migração. Schio foi se tornando uma região altamente industrializada para a época. A maior destas indústrias e que dominou o setor na época é o Lanifício Rossi. A partir de 1873, liderada por esta grande indústria, o capital determina uma mudança cultural, isso significa o seguinte: os trabalhadores desta região faziam um trabalho artesanal com a lã muito farta nesta região. E isto era um complemento da renda familiar dos camponeses baseada especialmente na produção de uva e de trigo. Durante o inverno, de dezembro a fevereiro, os trabalhadores do campo eram contratados temporariamente para o trabalho de fiação, isto eles o faziam em suas casas, exatamente no tempo do inverno rigoroso e que não possibilitava outra atividade no campo.

Numa primeira etapa, esses agricultores-operários eram provenientes da zona rural circunstante a Schio. Uma das características da estrutura fundiária da região de Schio era justamente seu fracionamento em pequenas propriedades, associado a uma agricultura cujas atividades básicas giravam em torno de dois eixos fundamentais: a viticultura e a produção de cereais. Essas pequenas e médias propriedades tendiam à auto-suficiência. Em seu interior se desenvolvera, ao longo dos séculos, um artesanato doméstico, estimulado pela farta produção lanária da região. Com isso, as famílias camponesas produziam tecidos para satisfazer suas necessidades imediatas (VERONA, 1997, p. 138).

A indústria desenvolveu, a região é famosa até hoje, por sua indústria têxtil, e este trabalho artesanal dos camponeses, muito útil para a complementação de sua renda, aos poucos foi

sendo substituída por máquinas, isto aconteceu mais intensamente a partir de 1873. A empresa não mais contrata trabalhadores sazonais, temporários. Os trabalhadores do campo, onde não foi investido, a agricultura não recebeu novas tecnologias e sua produção passou a ser precária, além de faltar terra para todos os membros da família. Isto resultou na primeira leva de migrantes para o Rio Grande do Sul, como a viagem de 1883, onde se encontravam a família de Giuseppe e Santo Scolaro.

Para a gente compreender, ainda melhor o espírito empreendedor, inconformado e até mesmo revolucionário deste povo de Schio, recordamos aqui o que aconteceu, alguns anos depois em Schio em 1891. Isso nos ajuda a compreender o que está no sangue desta gente brava e valente que veio ao Brasil.

A formação do proletariado local contou com um elemento cultural sem precedentes. Além das difíceis condições a que estavam também submetidos os camponeses de Schio e região<sup>27</sup>, a estes se impôs, historicamente, um outro pré-requisito: o secular aprendizado da arte de tecer. A tecelagem era desenvolvida tradicionalmente na região, desde a dominação romana. O manuseio do fuso, para fiar a lã tosquiada, e do tear, construído de madeira e manual, constituiu-se num trabalho obrigatório para as horas de folga invernais da família camponesa, principalmente como tarefa adicional atribuída à mulher<sup>28</sup>. Todos esses elementos criaram as premissas para que esses trabalhadores procurassem, sobretudo no período de entressafra, serviços ocasionais nas diversas unidades fabris existentes no Vale. Um cordão humano se estendia em torno das fábricas de Torrebelvicino, Piovene-Rocchete, Pievebelvicino e Schio, à espera de empregos que os mantivessem de dezembro a março, tempo em que os trabalhos agrícolas estão definitivamente paralisados pela presença do inverno muito rigoroso naquelas zonas. A

insistente referência de Alessandro Rossi à ideia da superação da fiação e tecelagem manuais e domésticas, e sua definitiva substituição pelo maquinário da indústria *moderna* se consubstanciaram na onipresente frase, que se tornaria tão polivalente, passando de título de canção - interpretada pelas alunas da escola primária do Lanificio Rossi SpA, no encerramento do ano letivo 1883-84 - a marca de embalagem de conserva alimentar produzida pela fábrica da família Rossi, em Santorso. A frase alusiva ao trabalho de fiação e tecelagem da mulher no campo, *non è più il tempo che Berta filava*, queria forjar a vinculação entre o trabalho empregado na indústria têxtil e o que era desenvolvido de forma artesanal na zona rural. Mas chamava a atenção também para o pressuposto anacronismo deste último, destituído dos atributos da propalada modernidade. (VERONA, 1997, p. 141).

O mesmo autor, relata que em fevereiro de 1891, poucos anos após a família Scolaro partir de Schio, os operários da empresa Rossi, deflagraram uma greve. Coisa inusitada. Os operários decidiram parar por completo as máquinas e, o motivo desta reação foi a decisão do patrão de reduzir o valor das horas trabalhadas. Declararam greve! O problema que isto aconteceu de uma forma muito espontânea, sem nenhuma organização, sem organização sindical ou coisa parecida. “Estavam absolutamente a sós desde o início e, assim, resistiram até a exaustão!” (VERONA, 1997, p 150). O confronto foi muito desigual e, devido a falta de organização sofreram uma derrota muito grande. A partir disso a empresa fez uma limpa geral e demitiu todo o quadro de trabalhadores que apresentou sinais de certa politização e os substitui por mulheres trabalhadoras. Os salários das mulheres eram sempre mantidos abaixo dos patamares dos salários dos operários masculinos (VERONA, 1997). Esta situação

provocou uma avalanche de migração da cidade de Schio para o Brasil e estes operários migraram de modo especial para São Paulo, no Bairro do Brás, para Caxias do Sul. Estes migrantes acabaram instalando na região, mais especificamente Galópolis, uma indústria têxtil.

[...] il caso particolarmente interessante della città operaia di Galopolis, formata inizialmente da un gruppo di operai di Schio, licenziati in cooperativa, fondarono un piccolo lanificio. La città operaia ad esso collegata, nata per l'essigenza di attirare, concentrare e fissare in contesto urbano una potenziale manodopera disseminata nelle colonie agricole [...] (HEREDIA, 1996, p. 128).

Isto faz a gente entender melhor a história, o modo de encarar a vida, de se organizar e pensar. Ao chegar em Caçador – SC, isso que está no sangue se materializa em formação de uma comunidade, participação ativa nela, por várias vezes fazendo parte de sua gestão. Não demora muito e se tornam sócios fundadores de uma cooperativa agrícola para a comercialização de seus produtos. Associação com vizinhos mais próximos para a instalação de roda d'água e gerador para a produção de energia elétrica, mais adiante cooperativa de eletrificação rural. O sangue dos trabalhadores de Schio ainda corria nas veias de Joaquim e Angela Scolaro. Isto fez com que o nome de Joaquim Scolaro fosse escolhido em 2007 como o nome de um dos auditórios da Câmara municipal de Caçador.



## 2

### A BELA ITÁLIA: BERÇO INCOMPARÁVEL

A Itália, como tive a graça de conferir, realmente é muito bela, e paira no ar uma certa magia. Quando lá cheguei tive a impressão de estar em casa. Tive a impressão, me veio à lembrança de quando estava no seminário e retornava para a casa paterna nas férias, é uma emoção forte.

Na longínqua e bela Itália, a origem e tradição da família Scolaro,  
Região do Veneto, belas canções, palavras cantadas, afinadas  
Vicenza, montes, colinas, frio e calor, natureza sem nenhum reparo  
Schio, valoroso povo, região dos apeninos, vislumbrada.

Campeiros da Itália em situação precária se encontravam  
A pátria querida não oferecia mais guarida para tantos trabalhadores  
O sonho de terra com fartura, naquele chão não mais esperavam  
Com carinho uma nova solução bem distante, uma terra com valores.

Escassez de comida, terras desgastadas, pouca planta e animais,  
lenha para cozinhar e aquecer as casas, inverno rigoroso,  
trigo para o pão, milho para a polenta, uva para o vinho, sem jamais  
o governo indicava, Brasil necessitava, humano valoroso.

Dilema, abandonar familiares, a casa, trajetos a pé e de trem  
O destino primeiro, porto da cidade de Gênova,  
Filhos a tiracolo, pertences, não muitos, viagem para o além  
Baús de madeira, trouxas de pano, sem vintém, vida se renova.

Na propaganda e imaginário dos bravos, valentes trabalhadores  
Terra de “cucanha,” fartura, queijo nas árvores, montanhas de ouro  
Um novo horizonte aberto, coisa que por perto, muitos dissabores  
Para o além-mar, com seus sonhos partir, como em busca de um tesouro.

A poesia a seguir diz um pouco desta tristeza, mas ao mesmo tempo da necessidade de partir e deixar para traz, que tinha esperança de encontrar, mas sem nenhuma garantia. E foi o que de fato aconteceu, o sonho era ganhar a vida, ganhar muito dinheiro e à Itália voltar.

### **POESIA A ITALIANA**

Bambino, é hora de eu partir  
Em silêncio, devagar,  
você me convidou a ir  
Até outro lugar, sem você  
Veja, a mim dói,  
A você, não acredito doer

É, o melhor, seu desprezo  
Me dizendo adeus nesse silencio  
Partir, acabar, desaparecer, meu  
Último verso cifrado em forma de  
desafio me deixando partir, sem rir

Bambino, você sabe que é o melhor  
Esse silencio será sempre a minha  
Última lembrança de que diria triste  
Eu estarei por ai, vivendo e aprendendo  
Quem sabe encontre algum verso teu  
Engaiolado, num relicário de museu

Bambino, partir dói, mas passa.  
Assim que tudo passará.  
Será que você vai sentir  
Saudade e até chorar?  
As coisas são assim mesmo,



Bambino, pessoas vem,  
E trazem alegria...  
Outras ficam , ou passam  
e partem sem nada dizer,  
E deixam lagrimas...

Bambino, sei que por ti passei  
Não estou certa se deixei saudade,  
Então, se um dia lembrar de mim,  
Tomara que seja uma  
Boa lembrança...  
aquela saudade gostosa  
tal qual a leitura de uma  
poesia sua , a Italiana!  
Bambino.....

(RIBEIRO, s/d,p.1 )

## **2.1 A viagem**

A viagem marítima partindo do Porto de Genova, veio até o porto de Santos, durante 36 longos dias. Viajando na segunda classe do navio, em precárias condições sanitárias, alimentação escassa, doenças na viagem, felizmente conseguiram chegar ao Brasil. Após breve escala no porto de Santos, a viagem prosseguiu até o porto de Rio Grande, terminando por via fluvial em São Sebastião do Cai. De lá até Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul, o percurso foi feito a pé. As crianças e os utensílios eram carregados por mulas que se arrastavam pelas picadas até chegar à vila. Ao embarcarem não sabiam exatamente para onde iam, somente sabiam que iam ao Brasil. Isto só souberam depois do porto de Santos ou Rio de Janeiro. A viagem era um grande problema, as passagens eram doadas pelo governo brasileiro que necessitava de trabalhadores, porém, era de terceira classe, em geral era nos porões dos navios, e lá a ventilação era pouca, pouca luminosidade, e umidade alta e superlotação.

As condições sanitárias destes navios eram péssimas, eram comuns os surtos de piolhos, cólera ou sarampo. Muitos perderam a vida na travessia do oceano.

### **Travessia do oceano: máquina a vapor**

Longa viagem, o desconhecido, a América do além Atlântico  
Povo pobre, lavradores sem terra, classe terceira, navio a vapor  
Comida pouca, doenças, dificuldades, não faltava o cântico  
Gente que sonhava, um belo clima de esperança, nova vida compor.

Promessas, vida melhor, terra de leite e mel, qual povo de Deus  
Ao desembarcar, a dura realidade, um país desabitado, despreparado  
Começar tudo do zero, que coisa é esta? preciso sustentar os seus  
Mãos na massa, a utopia não passa, na força e na raça, animado.

São Sebastião do Caí, caminhadas a pé, seu destino, mulas requer  
Trajeto de muitas belezas, encantos não faltam a animar o colono  
Em busca de seu canto e recanto para sua família sustentar, pretender  
Serra, matas, rios, tudo a seu dispor, tudo alí, esperando por um dono.

Chegados ao destino, no caso Santa Justina, lavoura, comida não tinha  
Só mato, desanimar não convinha, mãos à obra, machado, foice, enxada  
Na Itália não esqueceram e a semente do milho para a polenta, continha  
Não faltou também, os grãos, e sorridente semeava trigo para o pão.

Heranças permaneceram, a família grande valor, união e amor  
Dialeto, língua da pátria mãe não se esquece e fortalece a tradição  
Jogos de baralho, morra e bochas trazidos da tão distante Europa  
Muitas outras brincadeiras, criatividade, e a saudade, menos aflição.

Rio das Antas, montanhas, peraus, terra fértil, sem igual, só semear  
No alto, do rio pertinho, encontra, por certo um cantinho, para se alojar  
A família Scolaro e numa colina, na mente imagina o seu parreiral  
Antonio Prado, e o município, para fazer o início deste povo do além mar.

## 2.2 A música folclórica como elemento agregador e de conservação cultural

Basta reunir uma meia dúzia de descendentes italianos e logo a cantoria começa, nas festas de toda natureza sempre está presente o grupo que nostalgicamente constituem um coral e passam horas cantando e lembrando de uma Itália que a absoluta maioria deles nem a conhecem, nunca lá esteve, porém, há algo que está no sangue, na alma. Isto foi cultivado por seus antepassados, por aqueles que de lá vieram e queriam manter seus valores, sua tradição e sua cultura. A música, do folclore italiano é um símbolo desta resistência, da valorização daquilo que da Itália veio que deveria ser mantido, assim aconteceu na área da culinária, vestimenta, festas, modo de produzir, arquitetura, etc. Uma das músicas que marcaram profundamente esse processo de migração, foi La Merica, Frei Rovilio Costa nos ajuda a entender a sua origem e sua importância, até hoje para os descendentes italianos.

Com o título La Merica, este poema com estribilho e três estrofes se encontram na obra de Ângelo Giusti, a quem a tradição oral atribui a autoria. As demais estrofes são aditamentos e bem se vê a dissonância nas idéias. A probabilidade de Ângelo Giusti ser o autor é muito grande, porque sua obra *Poemas de um imigrante italiano* só traz textos de sua autoria, nenhum poema copiado, e a canção La Merica está na página 65 de uma obra de 70 páginas com observação do Prof. Luis Alberto De Boni de que o poema é por tradição oral local de autoria de Angelo Giusti. Giusti fazia os poemas e nos fins de semana, nos encontros de Igreja, ele os cantava com os amigos. Frequentemente ia a Flores da Cunha para pedir ao conhecido músico sacro francês, Frei Exupério de la Compôte, de compor as músicas para seus poemas e as aprendia de

cabeça. E o La Merica de Giusti bem se aproxima do estilo musical do frade. Portanto, a letra é certamente de Giusti, e a música foi composta por Exupério de La Compôte, em estilo fácil para facilmente ser aprendida e cantada, como aliás são todas as suas canções (COSTA, 2005, p. 1)

Vamos aqui, reproduzir uma canção, poesia de um dos migrantes italianos, que expressa o sentimento, a saudade, mas sobretudo muita esperança. Angelo Giusti faz parte da primeira geração de imigrantes da então Colônia Caxias, morando no atual território de Flores da Cunha, no travessão Rondelli, à beira da Estrada que vai de Flores da Cunha a Antônio Prado, onde faleceu com 81 anos, a 23 de fevereiro de 1929. Antes de sua morte, depositou um conto de réis no Banco Pelotense para serem rezadas missas em seu sufrágio, depois da morte, e elaborou também o epitáfio para seu túmulo, assim redigido:

Qui giace Angelo Giusti,  
Fu poeta di poco valore.  
La sua anima è partita  
A render conto a Nostro Signore.

Se observarmos os títulos de seus poemas, todos referentes a histórias italianas, todos de sua autoria, não resta dúvida de que este poema com três estrofes e estribilho é de sua autoria. Entre outros poemas tem: Le campane di Nuova Trento; Benedizione delle Campane; Per la chiesa nuova di Nova Trento; Festa di San Pietro; Pio Décimo; Bandiera Cattolica; Le streghe; Inno in onore alla Madonna di Maggio; Le cavalete; Le donne si fanno tosar; Padre Raimondo; Archivescovo Giovanni Becker.

## **Mérica Mérica**

Folclore Italiano (1875)

Dalla Italia noi siamo partiti  
Siamo partiti col nostro onore  
Trentasei giorni di macchina e vapore,  
e nella Merica noi siamo arriva’

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo ‘sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

E alla Merica noi siamo arrivati  
no’ abbiám trovato nè paglia e nè fieno  
Abbiám dormito sul nudo terreno  
come le bestie andiam riposar.

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo ‘sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

E la Merica l’è lunga e l’è larga,  
l’è circondata dai monti e dai piani,  
e con la industria dei nostri italiani  
abbiám formato paesi e città.

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo ‘sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo ‘sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

(GIUSTI, 2005, p. 1)

Em todas as festas, isto era infalível, seja ela da comemoração dos padroeiros nas capelas, casamentos, ou qualquer outra comemoração, logo se formava um coral improvisado e se cantava muitas músicas italianas, aí também tinha vez a canção brasileira, sertaneja raiz, todas elas carregam um tom de saudade de melancolia. A italiana por deixar a sua bela Itália e a sertaneja por deixar a sua terra e ir para a cidade, se nota uma identificação, essa realidade eu a vivi muito especialmente nas festas da comunidade de São Pascoal da linha Cará. A minha família na época de minha infância não era muito interessada em cantar, já a família de nosso vizinho, padrinho Paulo eram todos bons cantores, afinal só a família já formava um coral, catorze irmãos. Mais tarde Aurélia e Gildo se integral num coral de língua italiana de Caçador e Henrique, Ana e Albino participam num coral em Chopinzinho no Paraná. Além da já citada Mérica, Mérica, lembro de duas outras músicas que eram cantadas sempre: Quel massolin di fiori e Santa Lucia, vamos colocar aqui a letras destas canções para ilustrar e verificar nelas o sentimento que passa pela alma dos migrantes.

### **Quel Mazzolin Di Fiori**

Quel mazzolin di fiori,  
che vien dalla montagna.  
E bada ben che non si bagna  
che lo voglio regalar,  
e bada ben che non si bagna  
che lo voglio regalar.

Lo voglio regalare,  
perchè l'è un bel mazzetto.  
Lo voglio dare al mio moretto  
questa sera quando vien,  
lo voglio dare al mio moretto  
questa sera quando vien.

Stasera quando viene,  
sarà una brutta sera.  
E perchè lui sabato sera  
lui non è vegnù da me,  
e perchè lui sabato sera  
lui non è vegnù da me.

Non l'è vegnù da me,  
l'è andà dalla Rosina.  
E perchè mi son poverina  
mi fa pianger e sospirar,  
e perchè mi son poverina  
mi fa pianger e sospirar.

Fa pianger e sospirare,  
sul letto dei lamenti.  
E cosa mai diran le genti,  
cosa mai diran di me?  
e cosa mai diran le genti,  
cosa mai diran di me?

Diran che son tradita  
tradita nell'amore.  
E sempre a me mi piange il core  
e per sempre piangerà,  
e sempre a me mi piange il core  
e per sempre piangerà.

(BERTI, 2005, p. 1)

Segundo a pesquisa realizada Santa Lucia é uma canção que nasceu Nápolis, e continua sendo uma das canções mais famosas na Itália até nossos dias. Para se ter uma ideia da popularidade desta canção, ela foi gravada por muitos interpretes famosos intérpretes, como Enrico Caruso, esta foi a primeira versão, gravada, em 1916. O autor desta letra e música é Teodoro Cottrau que registrada somente em 1850. No ano de 1963 foi gravada pelo

famosos Elvis Presley, só aparecendo em um álbum de 1965 chamado Elvis For Everyone. Nele, Elvis cantava apenas um trecho em italiano. Os arranjos da versão são creditados ao próprio Elvis.

### **Santa Lucia**

Sul mare luccia l'astro d'argento  
Placida è l'onda, prospero è il vento  
Venite all'agile barchetta mia  
Santa Lucia! Santa Lucia!

Con questo zeffiro, così soave  
Oh! Com'è bello star su la nave!  
Su passeggeri, venite via!  
Santa Lucia! Santa Lucia!

In fra le tende bandir la cena  
In una sera così serena!  
Chi non domanda, chi non desia?  
Santa Lucia! Santa Lucia!

Mare sì placido, vento sì caro  
Scordar fa I triboli al marinaio  
E va gridando con allegria  
Santa Lucia! Santa Lucia!

O dolce Napoli, o suol beato  
Ove sorridere.

### **2.3 Antônio Prado a cidade mais italiana do Brasil**

Antônio Prado está localizado na Serra Gaúcha, esta região era habitada por uma nação indígena denominada de Caingangues. Estes, antes da chegada dos migrantes italianos, foram expulsos violentamente pelos chamados “bugreiros”. Esta é a parte triste desta história, assim como no Brasil todo, os povos



indígenas foram roubados e dizimados. O que resta hoje dos verdadeiros brasileiros, donos destas terras, a muitos é negado o direito de uma reserva legal. Uma injustiça, um crime que a nossa sociedade insiste em dar continuidade.

Antônio Prado é formada, na sua maioria absoluta por descendentes italianos, e pela tradição mantida até hoje, é conhecida como a cidade mais italiana do Brasil. Segundo dados do IBGE (2000) mais de 90% tem origem europeia.



**Fonte:** <https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+rio+grande+do+sul+com+a+localização+do+município+de+Antônio+prado>



Fonte: <http://www.antonioprado.rs.gov.br/secao.php?id=1>

A família se estabeleceu inicialmente no Travessão Carvalho, localidade de Santa Justina, onde Luigi e Luiza Scolaro permaneceram residindo, sendo que posteriormente Santo Scolaro e a esposa Catterina Sbalchiero, bem como os filhos Giuseppe e Lucia, se mudaram para a localidade de Linha Guerra, interior de Antônio Prado, onde se estabeleceram. Nesta comunidade nasceram os demais filhos de Santo e Catterina, sendo eles Antônio e Maria Santo Scolaro e Catterina Sbalchiero tiveram então ao todo seis filhos e estes os respectivos descendentes, entre eles Antônio Scolaro foi casado com Madalena Simionatto e tiveram 13 filhos sendo: Afonso, Teresinha, Anita, Ines, Clementina, Anastácio, Joaquim, Fioravante, Narciso, Artísio, Justina, Gema, Rosa.

Antônio Prado, linha Guerra, ali Santo e Catterina encontraram uma natureza muito bela, no alto da serra do rio das Antas. Floresta milenar, araucárias, imbuias e muitas outras plantas da mata atlântica, intocadas. Mata cerrada, era preciso, na época colocar machado e ser manual para desmatar e poder produzir e assim o fizeram. Nas terras de Antônio Prado, que foi a última das denominadas “antigas colônias da migração Italiana”, foi fundada em 1886, um pouco depois da chegada da família Scolaro no Brasil. O nome Antônio Prado foi uma homenagem a Antônio da Silva Prado, fazendeiro paulista que na época era ministro da agricultura e que promoveu a vindas dos trabalhadores italianos para o Brasil (Prefeitura Municipal de Antônio Prado).

### **ANTONIO PRADO: A ACOLHIDA**

Antônio Prado pequena e iluminada cidade  
Entre montanhas, região banhada, fertilizada  
águas profundas e sinuosas do Rio das Antas  
Água limpa, peixes abundantes,  
terras quebradas de qualidade  
Migrantes italianos, vindos de tão distante,  
sem demora iniciam a planta.

Nas ruas o vozerio impressiona ao visitante  
No seu cantarolado, a Itália presente,  
Um povo que embora distante “parla” contente.  
O vento, o sol, o frio, o azul do rio tudo faz memória  
o país amado, sem demora, o Rio Grande e o Brasil  
se tornam para aquela gente país equivalente.

Eta região de natureza bela, acolhedora,  
com razão, abraçou a família Scolaro  
Não menos sem razão, hospedou em suas terras,  
brava gente, desbravadora de nome Schiochet  
Duas casas vindas de tão longe, do além-mar,  
muitos sonhos, esperanças e isto está muito claro.  
Joaquim e Ângela caminhos se juntam, nossa ancora.

Uva, frutas, cereais e animais para o sustento,  
Família, a fartura, o pão e o vinho é claro  
Agricultura familiar, produtos para a mesa  
Agricultores e comunidade, quanto talento!  
Todos com um sonho na frente, no futuro  
A família, até os netos, não ficar sem amparo  
Homens, mulheres e crianças, tanta criatividade!

Família patriarcal, extensa, casa grande, bom teto!  
Noras e netos chegando é hora de buscar, voar  
outros ventos, proposta do ‘nono’ com autoridade  
terra pouca, muitas bocas, além do horizonte  
O Brasil, oferecia terras boas, grande oportunidade  
Santa Catarina, o destino, vizinhos, parentes  
com outros parentes, compadres, vai junto a amizade.

## **2.4 Migração para Caçador**

O município de Caçador fica localizado no Centro-Oeste de Santa Catarina, o seu território começou a ser habitado pelo branco em 1881, por Francisco Corrêa de Melo, antes disto era habitado pelos índios Caçanjurês, sendo seguido por Pedro Ribeiro em 1887 e posteriormente, 1891 por Tomás Gonçalves

Padilha. Os dois primeiros se estabeleceram às margens do rio Caçador e o último às margens do rio 15 de novembro.

Em 1914 a região foi atingida pela guerra do contestado<sup>1</sup>, este conflito durou até 1917. Este conflito destruiu praticamente tudo o que já havia sido construído. Após o conflito inicia-se um período de reconstrução e de progresso. Foi aberta a estrada ligando Caçador-Curitiba, em 1929. Esta rodovia trouxe grande impulso à região, foi ela que possibilitou a chegada dos imigrantes que instalaram as serrarias, ali havia uma imensa mata de araucárias e imbuías, e a produção de frutas (uva), milho, trigo e pecuária.

A princípio, em 1923, se tornou Distrito criado com a denominação de Rio Caçador, pela lei municipal nº 289, de 09-01-1923, ligado ao município de Campos Novos. Posteriormente passou a ser subordinado ao município de Curitiba. Elevado à categoria de município com a denominação de Caçador pelo decreto estadual nº 508, de 22-02-1934, desmembrado do município de Curitiba. Se tornou município independente em 25-03-1934, na época, pertencente ao município de Porto União.



<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/cacador.pdf>

1 Guerra do **Contestado** foi um conflito armado que envolveu posseiros e pequenos proprietários de terras, de um lado, e representantes dos poderes estadual e federal brasileiro, de outro, entre outubro de 1912 e agosto de 1916, numa região rica em erva-mate e madeira, disputada pelos estados do Paraná e de Santa, e além disso interesse de uma grande empresa

A foto mostra a cidade de Caçador alguns anos antes da família Scolaro iniciar a sua migração para esta cidade. Lá no alto já estava a Igreja de São Francisco, e na parte de baixo a ferrovia que ligava desde Santa Maria, no Rio Grande do Sul a São Paulo Capital.



Fonte: <http://www.cacador.net/portal/Paginas.aspx?cdPagina=16>

Na década de 40, começou a migração da família Scolaro para Caçador, sendo eles: Zílio, Joaquim, Severino, Maria Genebra, Pedro, Anastácio, Rosa, Ângelo Frederico, Armindo. Todos já haviam constituído família e tinham filhos. Em Caçador continuaram a cultivar videiras e a produzir o vinho, além da produção de milho, trigo, oliveiras, gado, ovelhas, além de outras frutas como ameixa e figo, enfim uma agricultura familiar de subsistência.

#### **2.4.1 Predestinado para partir, Santa Catarina o destino**

Gaúcho eu poderia ter nascido, nada contra pelo contrário, mas me orgulho de ser catarinense, barriga verde, mas com toda tradição gaúcha. O desafio com certeza foi grande, quatro

filhos, um recém-nascido, uma viagem longa, tempo de inverno, frio, chuva, estradas ruins. Mas era o tempo de iniciar nova vida e a primeira roça plantar. A primeira morada, muito simples e humilde, uma velha casa em cima da estrebaria, à família de Belém até se parecia.

Males que vem para o bem porque a terra de Caçador mais possibilidades ofereceu, a pequena propriedade de Antônio Prado é muito bela, na encosta do Rio das Antas, peixes em abundância, terra muito fértil, para a época muita caça, mas para a lida da lavoura era muito trabalhosa, as terras mais férteis, às margens do rio não tinham acesso para transporte de nenhuma forma. Nos tempos que meus pais estavam por lá, plantavam milho e depois de seco, uma manada de porcos eram levados para lá e retirados, também caminhando quando o milho acabava. Neste sentido Caçador era um paraíso, além disso, a cidade de Caçador ficava a apenas 8 quilômetros de nossa casa e com boa estrada, pois a mesma ligava com a cidade de Palmas no Paraná e por ali havia um grande tráfego de caminhões transportando madeira. Era uma rodovia estadual, hoje, asfaltada.

Filho mais jovem, nova família, nova terra.

Joaquim, Ângela e quatro filhos com nonos viver

Tio jovem ainda, com o desafio, bases estremeceu.

O nono a Joaquim e Ângela, dor no coração, ofereceu.

O casal, por certo, um aperto sentiu, quatro filhos

Mudança, distância, o desconhecido, não esmoreceu

Ao convite, não resiste, planos, sonhos, novos caminhos

Novamente, os baús, malas, e com a mudança, novo céu.

Caminhão arrumado, pertences simples e humildes

Aurélia, Henrique, Albino e Adelino, a riqueza maior

O último, neném com apenas dois meses de vida,

Na hora da partida, pedido de nono, Albino deve ficar.

A condução partiu, dia de inverno, muito frio.  
Adelino, tão pequenininho, mas como, partindo?  
Aventura, amor no coração, dedicação, é brio.  
Ronca caminhão, lágrimas nos olhos, ir sorrindo?

Para o seu tempo, estrada longa, na angústia, incerteza  
O horizonte longe, com certeza, nó na garganta, tristeza.  
Homem e mulher fortes, sem se abater, empalidecer  
O caminho vencendo, as dores curando e, os filhos crescer.

Apesar do inverno rigoroso, caminho tortuoso  
A família Scolaro, segue firme o seu projeto e destino  
Atravessa o rio Pelotas e Santa Catarina, terreno montanhoso.  
Caçador avista, abraça, aqui será o seu belo cantinho.

Mais uma vez, estrutura pouca, a casa, um paiol  
Plantar, antes porém, matas, araucárias para derrubar  
parreiral já produzindo, a esperança do vinho não faltar  
É a família, com todo o cuidado e carinho sustentar.

Quanta dificuldade e, sem contar com toda a saudade  
Outros parentes, amigos novos e a vida com coragem, avante  
Sem muita demora e a vida vai se transformando.  
Família linda, cresce e a Deus sempre agradece, confiante.

Das araucárias pinhão para comer, nova casa, acolher  
Frutas, o carro chefe, trigo, milho, galinhas e ovos, fartura  
Porcos, salame, banha, sem faltar o “lardo” temperar a verdura.  
Vacas, leite, queijo sempre uma gostosura, bem viver.

Está origem, luta, trabalho, suor, vida, precisa agradecer  
Ensinamentos, valores, tudo pensado, casal abençoado  
Parece distante, muita coisa não vivi, na alma, um amanhecer.  
Joaquim e Ângela o nosso reconhecimento, este é o legado.

## 2.4.2 Caçador SC

Na década de 1940 Caçador era uma cidade muito pequena, basicamente um pequeno comércio e algumas poucas serrarias (madeireiras). A colônia ainda muito pouco habitada, no início da década ainda não havia sido ocupada pelos migrantes italianos, vindos de várias partes do Rio Grande do Sul, mas todas da serra gaúcha.

### Caçador: o destino

No Centro Oeste Catarinense, região serrana, frio e natureza sem igual  
Encontra-se um espaço habitado, uma nação indígena de  
nome caçanjuré

Margens do rio do peixe, terras de araucárias, fartura,  
frutas para os animais

Por ali alojou-se, beira rio, um sujeito que para o seu sustento caçava

Joaquim e Ângela não só, quatro filhos para criar e um sonho muito caro  
Caçador é a terra prometida que os seis vai acolher na busca da felicidade  
Aurélia, Henrique, Albino e Adelino, seguem o destino sem preparo  
Seis heróis desbravando matas de araucárias, a uva lá estava,  
perto da cidade

Dias difíceis, tudo a começar, gente nova, pobreza, faltava tudo,  
menos o amor

Na bagagem poucos bens, tradição italiana e gaúcha, certa diversidade  
Não faltavam certamente, honestidade, trabalho  
árido e vontade de crescer

Com certeza o alicerce do sonho e utopia resistente da  
busca do bem viver.

Dor, saudade, distância, parentes, os amigos, não tornava a vida incolor  
A pergunta não deixava de chegar, novamente, por que? Parece anoitecer!  
Migrante novamente, será o destino deste povo sonhador?

Encantador!

Superado e transformado, dom e esperança, vencer. A família o  
bem viver!



### 2.4.3 A família

Família grande era sinal de benção de Deus, assim a igreja ensina, era preciso povoar este mundo, e para os camponeses muita mão de obra no futuro. Além dos quatro já citados acima vieram mais sete catarinenses. Vamos então à família completa.

Aurélia a primogênita, espírito alegre  
Jovem ainda, com Gildo se casou,  
Festa e tristeza, para nova morada foi  
Outro caminho, vida que segue.

Henrique na serra gaúcha nasceu  
Espírito jovial, contador de causos  
Com Ana se casou, tempo ficou  
Chamado a partir, Chopinzinho renasceu.

Albino, homem da paz, do branco  
No seminário até batina vestiu  
Outro caminho, Chopinzinho partiu  
Com Oneide se casou, homem político

Adelino se apressou quis ser gaúcho  
Pela estrada chegou mamando, no frio.  
Com Dinamar se casou, nova vida  
Cereais, horta, frutas, uva em cacho.

Silvino nome forte da selva vem  
Carinhoso, talvez daí seu amor as flores  
Com Neli se casou, os dois da educação  
Muito amor envolvido, no coração amores.

Tranquilo, o segundo catarinense, de agosto  
Missão difícil, no lugar do pai permanecer  
Casou com Maria, guerreira, destemida,  
Grande parceiro de infância, sorriso no rosto.

Arcangelo, o nome? Mensageiro de Deus  
E na verdade esta missão assumiu, padre!  
Pé na estrada, asas, Goiás nova função  
Com Silvia se casou, dois filhos me deu.

Luiza Madalena, os nomes das avós, nonas  
Ao convento se dirigiu, também migrante  
Para Blumenau levou ao Antônio, família  
Com Aprídio se casou, alegria dos manos.

Antônio, apressadinho, prematuro nasceu  
Batizar depressa, Paulo padrinho escolheu  
Nome também, inédito, primo no final  
Com Liane se casou, jardim floresceu.

Inês, pura no nome e na vida também  
Lembro dia do nascimento, muito choro!  
Vermelha ficou, origem de seu cabelo?  
Com Enio, mecânico casou, amém!

Judite, judia em seu nome, rapa do tacho  
Mãe e pai acompanhou, muito disposta  
Com Milton se casou, migra para longe  
Itaiópolis, sua morada, firme no trecho.

Na família mais uma, tia adotada, polêmica!  
Clementina o seu nome, nunca se casou  
Pai Joaquim até a morte acompanhou  
Hoje bem cuidada, certa solidão, uma súplica!

### 3

## O TRABALHO

Os nossos pais nos ensinaram grandes lições que permaneceram nas nossas vidas, todos trabalhadores e dedicados ao trabalho e a sua família. Este espírito de trabalhadores e empreendedores, com certeza devemos a eles. Joaquim e Ângela tinham orgulho do que faziam, do que eram, não se sentiam diminuídos por serem camponeses, embora reconhecessem as dificuldades e durezas da profissão. Percebíamos neles e, eles expressavam a alegria por estarem produzindo alimentos para a família, mas também para a sociedade.

Trabalhadores incansáveis, com sonhos, empreendedores que não se conformavam com a situação, projetavam uma vida melhor para si e para seus filhos. Começaram, quase do nada e foram construindo um belo paraíso, lugar lindo pela beleza natural, mas sobretudo pelo espírito que reinava entre os dois e a família.

O trabalho era parte da realização pessoal de Ângela e Joaquim, e aqui recordamos Marx (1985, 2008), o trabalho como sentido ontológico, o trabalho não é apenas uma forma de sobrevivência, este é um dos sentidos dele, ele é essencialmente ontológico, isto significa que ele constitui o ser humano. O homem e a mulher são o que são também pelo trabalho, ele transforma a natureza, ele produz com a sua ação cultura e se

transforma e se recria a si mesmo. Segundo Marx e Gramsci em toda a ação humana entra duas forças: a física e a mental ou intelectual. O homem não realiza nada apenas com a força física sempre entra em ação o pensar. Isto segundo Gramsci significa que todo ser humano é um filósofo. Joaquim e Ângela são nossos filósofos, em seu pensamento projetaram tudo o que somos.

A seguir vamos tentar expressar como aconteceu todo este aprendizado do trabalho e como acontecia o trabalho naquela bela realidade da Linha São Francisco, município de Caçador.

### **3.1 Os instrumentos de trabalho**

O trabalho da agricultura familiar sempre foi árduo, a enxada, a foice, a foicinha, o balaio (Cestão), a tesoura de poda, mangueira e caneta de sulfatar, o arado de tração animal, a carroça como transporte dos mantimentos, a slita (zorra) arrastada pelas mulas, sem falar dos afazeres domésticos. Todos os trabalhos eram realizados ao sol, protegidos com botinas (sapatão), roupas longas e chapéus feitos da palha do trigo. A mecanização era praticamente zero, o único motor que se utilizava, era um pequeno motor com a função de mover a bomba para pulverizar o parreiral, motor a gasolina.

#### **3.1.1 A enxada**

O instrumento mais antipático para mim era sem dúvida nenhuma a enxada, o aprendizado começava bem cedo, não lembro com quantos anos, mas desde que a gente desse conta de mover o instrumento, os meninos tinham a responsabilidade de capinar o pomar que ficava em torno da casa, a bem da verdade a gente mais brincava do que capinava, mas era preciso

prestar conta, a exigência era severa. Por isso a gente combinava, uma tarefa marcava e bem depressa fazia, depois brincava, por vezes a mãe no flagrante nos pegava.

Companheira de luta, em seu cabo a vida  
Amada, odiada, um pouco ríspida e suja  
Na terra sempre se mistura, e não banhada  
Mas a sobrevivência no cabo da dita cuja

Aliada na maioria dos serviços da área  
No quintal, no milharal, ou até parreiral  
O seu som surdo, por vezes estridentes  
Uma pedra encontrou, produção material

Metal tem que ser apropriado para a lida  
Amolado com a lima e depois com a pedra  
Para as rochas aguentar e não usar pesticida  
Botina nos pés, não machucar, é sem pressa!

Cabo de araucária bem seco, alisado com plaina  
Numa velha prensa, dia de chuva, com cuidado  
Bem caprichado para as mãos calejadas não ferir  
Instrumento bem apropriado, o cansaço amaina

Instrumento valioso, significou, à família, vida  
Para nós meninos, instrumento não muito legal  
Desde cedo, roça capinar, missão nossa, sem dúvida  
Assim aprendemos trabalhar e espantar todo mal.

Hoje digo, enxada bendita, contato com a terra  
A sua face que aparece ao camponês, até brilha  
Faz as sementes produzirem na campina ou na serra  
E assim a família Scolaro com enxada, na trilha!

Na história de migrante, também chegou a minha vez, para o Estado de Goiás vim morar, mais precisamente no Município de Itaberaí, o meu ofício de professor exercer. Itaberaí bem próxima da Cidade de Goiás se localiza, antiga capital, terra de bandeirantes e escravos negros, índios Goiazes e mais tarde muitos mineiros por aqui chegaram. Mas há uma personagem muito valiosa e reconhecida não só no Brasil, a escritora e poetiza Cora Coralina. A ele uma pequena imagem e ao mesmo tempo ligação com os instrumentos de trabalho da família Scolaro, esta grande senhora me serve de inspiração.

Sou espiga e o grão que retornam  
à terra.

Minha pena (esferográfica) é a  
enxada que vai cavando,  
é o arado milenário que sulca.

Meus versos têm relances de  
enxada, gume de foice  
e o peso do machado.

Cheiro de currais e gosto de terra.

Cora Coralina

 PENSADOR



Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTk0MTIxOA/>

### 3.1.2 A foice

Este era um instrumento mais simpático, mas como implicava certo perigo as crianças não eram iniciadas neste trabalho tão cedo, ao contrário da enxada, mas quando adquiria certo controle motor ao roçado também se ia.

Lembro os tempos de menino, este mais simpático  
Pai e mãe preocupados, mais perigoso, cuidado  
Vamos fazer o roçado, para o milho plantar, prático!  
A terra descansada, nos arbustos a foice, e tá falado.

Roça pasto, o potreiro deixar limpo para o gado  
Evitar cobras, menos carrapatos e melhorar o capim  
E assim na mesa leite, carne e queijo, tudo agregado.  
E a foice cumprindo sua função e menino, aí afim.

Parreiral caprichado, ao seu redor deve ser roçado  
Tudo para baixo do vinhal puxado, erosão evitada  
Raízes adubadas, adubo orgânico, menino convocado  
Carregar para dentro do parreiral, macegas cortadas.

Beira de estrada nunca descuidada, cortada  
Foice amiga, nunca abandonada, caminhos alarga  
Com a foice, Ângela e Joaquim, metas como estrada  
Um horizonte, promissor, aponta, é a saga!

### 3.1.3 As panelas

Os serviços domésticos não era só coisa de mulher, como muitos homens seguidos vieram (6), e Aurélia muito jovem ainda se casou era preciso ajudar a mãe. Por falar nisso tenho que acrescentar mais um elemento da família, tia Clementina, irmã de meu pai, desde que eu era muito criança, com nossa família foi morar, mas nesta questão de afazeres domésticos não mudou

muito a situação, ele preferia acompanhar os homens na roca, o único trabalho doméstico que ficava na sua responsabilidade era o de lavar a roupa. Cuidava também com muito carinho das plantações para o consumo da casa como batatas, batata doce, repolho, amendoim, mandioca, ervilha, etc.

Vida, vida, vida, comida, é a grande saída  
Ângela, cozinheira de primeira, muito valor  
O trabalho feminino valorizado, com cuidado  
Menino homem também colabora, é no calor.

Trabalho também árduo, cotidiano e rotineiro  
Exige criatividade, nem sempre muita fartura  
O fogão de lenha, cozinha e aquece, não esquece  
O trabalho da mulher é pesado e com doçura.

Arrumar a lenha, guardar em lugar bo e seguro  
Garantir a força dos que na labuta, energia esgota  
Uma boa comida, conforta e anima para o futuro.  
Angela firme e alegre, bela função, ótima nota.

Aos visitantes sempre atenta e hospitaleira  
A comida prepara com atenção e os deixa isolados  
Muito querida esta pessoa, companheira e solidária  
Lá na eternidade preparando festas às companheiras.

### **3.1.4 Vassoura, pano, balde**

Eita servicinho danado, a casa era enorme, o porão do vinho do salame, do queijo curado, guardar mantimentos como feijão, batatas, abóboras, pinhão, a banha do porco, a graspa e o vinagre. Acima dois andares, a princípio a casa tinha oito quartos, mais a sala, cozinha e área, imagina só o serviço cansativo para limpar tudo isso.



Serviço pesado na roça? E o da casa?  
Não tem dificuldade? Quem não sabe?  
Questão de gênero, não valorização do lar  
Gênero uma categoria presente?

Casa grande, família nem se fala, roça rende  
Serviço de casa, imagina, chão de madeira  
Roupa de capina, roçado ou do sulfato verde  
Tia Clementina é a companheira lavadeira

A função começa cedo, chama meninos,  
É hora de acompanhá-los, lida com as vacas  
Tirar o leite é coisa de crianças e mulheres  
Logo após fazer o queijo e café matutino.

Arrumar camas, varrer e o pano no chão  
Comida para as galinhas, lenha para o fogão  
Tudo com carinho e atenção, rezando, pensando  
Imaginando o cardápio para o almoço, de coração

Vasilhas de alumínio brilhando, higiene, a ordem  
Bolachas, pão, geleias, queijo, tudo providenciado  
E se sobrar um tempinho, na roça ajudar o marido  
E assim é a dupla ou mais jornada, hora para além.

### **3.1.5 A tesoura de poda**

Essa era minha paixão, mas pobre menino não tinha chance não, as parreiras eram altas, não tinha condição, o máximo que a gente fazia e que alegria, era podar as vimes que seriam depois usadas para amarrar os galhos das parreira para o vento não fazer estragos, era um tic tac interessante, mas imagino o pescoço no final do dia, sol a sol olhando para o alto!

Tesoura nada machista, trabalho sem divisão  
Chega agosto e as tesouras cortam em compasso  
Um som monótono, tec, tec o dia inteiro  
Mãos ao alto, olhar para o céu, sintonia e visão

Crianças com vontade, trabalho sem condição  
Enquanto isso, tempo para capinar o chão  
Diversão só em pequenos intervalos, sonho  
Som de tesoura se mistura com palavras, animação

O parreiral vai ficando desnudado, galhos jogados  
Tudo planejado, em cada tesourada, a vida brota  
E sem demora o verde aparece e muda o cenário  
O parreiral se veste, obra celeste, o verde desabrocha.

Trabalho é tanto, muito galho a separar, cortar  
Vizinhos se juntam e a poda rende sem demora  
Parreiral velho e o novo, como ovelhas tosquiadas  
Mas é bíblico, o que produz cortado, frutos aprimora.

Tesoura deve ter qualidade, qual navalha afiada  
A mão do manuseador pode ficar pouco dolorida  
Não pode parar a lida, nem pensar em fazer ferida  
Instrumento leve e bom, traz botos e satisfação.

### **3.2 Trabalhos árduos e necessários**

Os trabalhos em uma pequena propriedade rural, produção familiar e na época sem nenhuma mecanização, por certos todos eram pesados e cansativos. Entretanto havia alguns que a gente arrepiava mais, como era o caso de fazer e transportar palanques, meu pai costumava dizer, ou vai estudar para padre ou então fica comigo fazendo palanques, com essa ameaça, era melhor tentar ser padre, não acham? Vou a

seguir colocar em meus simples versos aqueles que considero os trabalhos com maior dificuldade, e eram muitos, e por isso a folga era só no domingo e olha lá por que o leite precisava ser tirado.

### **3.2.1 Plantio e colheita do milho**

O milho era um produto vital para a nossa propriedade e para a nossa vida, com ele se tratava as galinhas, os porcos, as vacas e se fazia o fubá para a polenta, nosso alimento cotidiano. Naquela época a tarefa era roçar a capoeira de uma terra descansada por alguns anos, era queimada e ali se plantava o milho e abóboras, este plantio era feito na cinza, no carvão, no ano seguinte ali se plantava o trigo e a terra descansava novamente. O milho crescia e as ervas daninhas também, era preciso capinar depois que o milho adquiria certa altura, para facilitar a colheita, muitas vezes se fazia duas capinas. O mais difícil da colheita era o transporte, carroça e mulas, e lá vamos nós, sobe e desce ladeira, muitas vezes um verdadeiro perigo, Deus sempre protegeu e nada aconteceu. E encher a carroça? Haja coluna, balaios (cestões) pesados, alegria, dor, tristeza e alegria da colheita farta se misturavam.

Era tempo de bastante agroecologia  
Estava no caminho, falta de tecnologia?  
A terra descansava, voltava a produzir  
A terra era explorada, porem se refazia.

Primeiro era a roçada, tempo de inverno  
E lá ia a família, a foice era o instrumento  
Vassouras, macegas, espinhos, no fi passava  
Abrindo horizontes para o milho e alimento.

Depois a queimada, menos ecológica, sim  
Era a condição de trabalhadores em ação  
E a terra produzia para si e para os afins  
Arrasada! mas como fênix, das cinzas renovação.

Em seguida som oco da matraca ecoava  
As pegadas no chão orientavam o plantado  
Em seguida os meninos abóboras lançava  
Abundancia para vacas e porcos ali do roçado.

Chuva, sol, nada de abusos e tudo crescia  
Milho, aboboras, e ervas daninhas, verde surgia  
Hora da enxada, trabalho difícil, sol quente  
Menino escorava no cabo, mas logo seguia.

Tudo crescia, florescia e produzia, fartura!  
Milho verde, delícia, bom lanche oferecia  
A colheita esperava, inverno, na geada, dor!  
Mão congelava, arrepio, e o trabalho sem brandura.

Carregar cestos, carroça, abóbora complemento  
Mula valentes, força para subir, freio para descer  
Quanto perigo, mas o alimento lá ia para o celeiro  
Aquele milho bendito era a base para o ano inteiro.

Bendito milho em nossas vidas, que benção!  
Dele a carne de frangos, porcos e vacas e ovelhas  
Os ovos, o queijo, os salames, e a polenta, canção  
No sangue, nos ossos, na alma, milho oração.

### **3.2.2 Sulfatar o parreiral**

Isto era um terror para os meninos, o remédio é aquilo que hoje se chama de calda bordalesa, isto é uma mistura de água, cal virgem e sulfato de cobre, isso dava uma cor de um tom verde azulado. O trabalho era o seguinte: no meio do parreiral existia um tanque, alí se fazia a devida mistura, e esta mistura deveria pulverizar todo o

parreiral, um motor acionava uma bomba e dele partia duas longas mangueiras, na ponta destes mangueirais havia uma caneta, igual essas das bombas costeiras usadas para pulverizar. Um adulto ia pulverizando e um menino ia atrás ajudando a puxar a longa mangueira e cuidando para não engastaiar. Isso era um serviço pesado menino, nem queira pensar, no final do dia a gente estava sem forças, dormia igual anjo. E a sujeira? A gente usava uma roupa própria, roupas velhas e chapéu, utilizados apenas para esta finalidade, mas no final do dia a gente ficava da cor da calda bordalesa, como se dizia em italiano da cor do “verderame”. A gente até queria, mas não tinha como fugir, era muita gente envolvida, no mínimo cinco pessoas.

A poda aconteceu, galhos, vimes marrados  
Para o vento não fazer estrago e dano  
Em alguma dias os olhos, brotos e folhas  
As plantas se vestindo e florindo, vê mano!

Tudo muito belo, mas como o joio no trigo  
A praga espreita, sol e chuva, condição ideal  
A mofa pega, remédio sulfato azul, cal branco  
A cor das folhas muda, nariz de menino igual

Tanque no meio do parreiral, água abundante  
Motor roncando, liquido preparado, mexido  
Caneta na mão, vai o sulfatador, qual água benta  
Asperge toda folha, menino na mangueira, cansativo.

Dia inteiro medindo todo o parreiral, vai e vem  
Escutando o ronco do motor, caçando ninho de passarinho  
E aí guerra de ovo quando cruza com outro menino  
Sair da monotonia, serviço pesado para criança, além

A labuta é longa, dois dias andando na sombra  
Respirando sulfato e cal, ombros doloridos e tal  
No final do segundo dia, roupa mãos e rostos brancos  
Mas com tudo isso, a gente era feliz, sem igual.

### 3.2.3 E as formigas

As formigas cabeçudas, ou formigas cortadeiras, eram um dos grandes inimigos dos produtores de uva, elas adoram as folhas e cachinhos da uva. Quando a brotavam era nova, o grande perigo, em pouco tempo faziam um grande estrago, por isso era preciso uma constante vigilância ao redor dos parreirais. Naquele tempo não havia as iscas como hoje, tudo era muito mais difícil. As formigas muito espertas não ficavam exposta, caminhos construídos por baixo da terra, como pequenos túneis, e era preciso colocar o dedinho neste pequeno túnel e ir seguindo, muitas vezes perdia o caminho, que labuta, mas no final sempre acaba achando a ninhada.

Formiga, um inseto interessante  
Exemplo de trabalho e de organização  
Primavera e verão, tempo de labuta  
O verde é sua busca e missão

A videira é uma grande tentação  
Folhas tenras, numa noite, um arrastão  
Serviço de menino a sua localização  
Capoeira adentro seguindo um caminho

Caminhos tortuosos, cheios de elevadas  
Por vezes muitos túneis, bela engenharia  
Espinhos, pedras, cipós, paciência  
As folhas preciosas, ordem, salvar.

Trabalho árduo, cansativo, imprevistos  
Serenos, capim molhado ou sol quente  
A missão cumprida, papai contente  
Lá ia brasa, fole e a fumaça venenosa.

Lei da natureza, salvar a uva e o vinho  
A graspera, o pão nosso de cada dia,  
Vida, saúde prosperidade e paz no caminho  
Trabalho duro mas com certeza, alegria.

### 3.2.4 Palanques e a cerca

Este trabalho não era nada fácil mesmo, poucas vezes o fiz, tenho na mente duas experiências que não me saem da memória, carregar palanque morro acima, pesados, escorregadio, feras machucando os ombros, serviço que realmente não era para criança, por isso resolvi aceitar o conselho do meu pai e fui para o seminário, brincadeira, mas que estas tarefas todas pesadas na vida da roça motivavam a sair dela. Entretanto no seminário não deixei de fazer muitas tarefas pesadas pois lá também tinha uma pequena propriedade e se trabalhava na roça. Porém era apenas cerca de 2 horas por dia, um rápido mutirão.

Joaquim sentencia, não fica no seminário  
Não tem outra alternativa, a vida não perdoa  
O dia a dia com camponês não é de milionário  
fazer palanque, sísifo, o mito que ressoa.

Mata, imbuías caídas, riqueza, além da beleza  
A natureza muita pródiga, madeira de lei no chão  
Aquilo que parecia restos sustento e divisa  
Esteiros para as construções e móveis na mão.

A mão de obra não era mole não, meu irmão!  
Primeiro era a mina, a pólvora e o estopim  
Depois as cunhas e marreta de fazer careta  
Em seguida machado, palanques de montão.

Serviço pronto? Quem me dera, e o transporte  
Mata cerrada, brejo, tudo carregado no ombro  
Moirões arrastado com mulas e correntões,  
Mas a vitória certa, vida renasce dos escombros.

### 3.2.5 Carregar capim para baixo do parreiral

Mama mia, este era outro terror de menino, os adultos roçavam e deixavam em pequenos montes, a gente abraçava este monte e carregava para baixo do parreiral, isto eu fiz muito, dá tristeza de pensar. Ao abraçar muitas vezes espinhos também abraçava, menino não tinha muita proteção para os pés, o pé cresce logo e se perde o calçado, por isso nos pés o que mais se usava era tamanco, no frio não esquentava e muitas vezes, em espinhos ou tocos pontiagudos se pisava. Mas o parreiral protegido e adubado organicamente ficava.

As videiras necessitam material orgânico  
As chuvas e o terreno acidentado, inclinado  
A erosão carregava o melhor do solo, empobrecia  
Repór era inevitável, serviço anual, coisa de botânico

A atividade era bem braçal, roçar em volta da vinha  
Vassouras, macegas, samambaias, todo capim  
Foíce, instrumento de adulto, cuidado, até exagerado  
Crianças, serviço pesado, carregar tudo como convinha

Espinhos, macegas cortantes, formigas, sem proteção  
Pés descalços, crianças, botinas nem pensar  
Tempo de frio, por vezes gelo, feridas, quase a chorar  
Mas era a vida, sofrida, mas o sonho era uma boa produção.

Parreiral protegido, suas beiradas roçadas e arrastadas  
Evitava ou facilitava a caça das formigas  
As chuvas fortes podiam cair e boa terra ficava  
Umidade e terra adubada estava bem garantida



### 3.2.6 Colheita da uva

Este era um tempo em que, apesar da dureza do trabalho, a gente até gostava, um tempo diferente, outras pessoas em casa, único tempo em que meu pai pagava diaristas para auxiliar no trabalho da família, era muita uva, havia anos que beiravam as cem toneladas de uva, normalmente variava de setenta a oitenta toneladas. A uva era toda embalada em caixas de madeira, no início caixas de até 12 quilos, e posteriormente de sete e até 5 quilos. Nos primeiros anos de minha infância o transporte para São Paulo era realizado de trem, mais adiante passou a ser por caminhão, pelo fato de que era mais rápido, menos perigo de perda.

Os adultos colhiam a uva, os meninos (tosatti ou banbini), não tinham a altura necessária para a colheita, então eles faziam o transporte do parreiral para um galpão (paiol da uva) onde essa uva era caprichosamente embalada nas caixas. Esse trabalho era muito pesado, imagina no meu tempo de criança, mais ou menos oito anos carregando o dia todo do chão para a “slita” (zorra) puxar a mula até o galpão e depois colocar numa prateleira, o dia inteiro neste vai e vem. A gente acabava se divertindo, no forte da safra o trabalho era feito com duas mulas, a gente não andava sozinho. Mas este trabalho acarretou problemas de coluna sério.

Tempo muito aguardado, contradições guardava  
Novidades, garantia de fartura, prosperidade  
As crianças, mais uma vez, as mais sacrificadas  
Serviço pesado, carregar caixa de uva no sol, contrastava.

Mulas como companheiras, busca no pasto, teimosia  
Colocar na “slita” carregar as caixas de uva  
Peso não normal, coluna reclamava, descanso raro  
Um vai e vem cotidiano, parreiral- paiol, ousadia

Companheiras, saina, pequena, preta e outras mais  
Todas dóceis, por vezes teimosas, empacadeiras  
Nada que um menino não pudesse resolver,  
Animal valioso, toda a safra transportava, belos animais.

Gente diferente em casa, mudava rotina, empregados  
A família aumentava, trabalhadores hospedados, diaristas  
Novas conversas, histórias, piadas, tempo de graça  
As crianças se encantavam, tempo sempre esperado.

No paiol a uva encaixotada, embalada e despachada  
Cada carga sempre um alívio, selada, estava salva,  
O perigo das intempéries era sempre uma ameaça  
Experiência sofrida, perdas no início, sempre recordada.

Trabalho para todos redobrado, da cozinha ao transporte  
Pregar caixas, colher, carregar, selecionar, encaixotar  
De sol a sol, por vezes até a noite, no paiol, para adiantar  
Dias santos, domingos, nem sempre respeitados, preciso ser forte.

Última caixa enviada após meses, força arrefece  
Agora recolher o que sobrou e fazer o vinho,  
E do bagaço, alambique e a graspa da alegria  
se conclui esta lida, o sucesso e a vida, uma prece!

Uma grande surpresa se reserva, quem diria?  
Em Goiás nova colheita fazer, terra prometida?  
Danilo e Vanilda Razia, vizinhos, amigos, uva!  
Uma grande benção, tempo de criança, alegria.

### **3.2.7 Tirar leite**

O leite sempre foi abundante em nossa casa, por vezes umas dez vacas a serem ordenhadas e duas vezes ao dia, pela manhã, bem cedinho ao raiar do dia e no final da tarde. Os bezerros

só ficavam com a vaca depois da ordenha, de resto eram separados num pastinho à parte. Este trabalho não era serviço para os adultos homens, neste momento estavam se dirigindo para a roça, ou ainda lá estavam na parte da tarde, este trabalho sempre foi um trabalho de mulheres e crianças, a minha mãe desde que eu me lembre já não fazia este trabalho, este trabalho era assumido pela tia Clementina e mais os meninos. A abundância de leite significava também abundância de queijo, não lembro de ter ficado sem queijo em nossa casa, era um ingrediente integrante e importante no café da manhã e na no jantar. Os bezerros ficavam com uma parte do leite pela manhã e à tarde,  $\frac{1}{4}$  do leite ficava para ele.

Leite, liquido sagrado, sustenta meninos  
Alimento valioso no cotidiano dos campesinos  
Queijos, nata, manteiga, coalhada, sopa e doces  
A fome de todos sacia, alegria, não para menos

A tarefa árdua, duas vezes, sete dias na semana.  
Mulheres e crianças, separar bezerros, juntar  
Quantas vezes correr atrás pela estrada, em debandada  
Levantar cedo, ao raiar do dia, inveja da vida urbana.

Bezerro forte, vaca brava, patada, coisa incerta  
Prende com corrente o pescoço, amarra as pernas  
Milho no cocho, bezerro para fazer descer o leite  
Muita raiva passada, mijada, ou coisa pior, sempre alerta.

Tudo compensado por um bom café com leite  
Bela polenta com queijo, pão com nata, beleza  
Um delicioso pudim, leite puro ou até uma puina  
Arroz doce, cuca, bolo, ricota, não há quem não aceite.

### 3.2.8 Plantio e colheita do trigo

Após a colheita do milho, que era feita no roçado, vinha a semeadura do trigo, outro produto importante para a alimentação da família. O pão estava presente em todas as refeições, café da manhã, almoço, lanche da tarde e no jantar. Para nós aqui em Goiás, poderíamos comparar ao arroz, um alimento indispensável na culinária diária, mesmo em dias de festa. O pão tinha também um sentido simbólico, ele era considerado sagrado.

O trabalho era feito da seguinte forma: Um adulto marcava mais ou menos a tarefa do dia, semeava o trigo e outro adulto vinha com o arado, puxado pelas mulas, no meu tempo de criança, meu pai não usava bois, e a mecanização na região ainda não existia. Depois de arado, o terreno era nivelado pelo trabalho de enxada, era um trabalho até maneiro. A colheita era outro problema para a coluna, constante encurvar-se e levantar, e colocar o trigo em feixes. O plantio acontecia em junho ou julho e a colheita pelo final de novembro, início de dezembro, o sol ainda não era tão intenso.

Plantar o trigo não é tão fácil, nada de romântico  
a terra arada por mulas, depois da terra semeada  
gradear a terra logo após era serviço de enxada  
terras com declives, tocos, um sacrifício enfático.

A colheita não com ceifadeiras, tudo no braço  
Sol quente de verão, suor e piniqueira, na ladeira  
foicinha chia, as vezes vai o dedo, em Goiás é cutelo  
encurvado, a coluna reclama, no final do dia um bagaço.

Hora de fazer os feixes, outra dureza sem tanto  
Junta tudo, por vezes vai junto rato ou cobra  
Passar a vime e deixar bem apertado, cintura fina  
Tudo preparado para o transporte, sem pranto.

As mulas novamente, companheiras de toda obra  
A carroça vai rangendo, rumo ao celeiro,  
O caminho quase sempre perigoso, todo o cuidado  
Uma cabeleira loira, preciosa, comer e vender a sobra.

## 4

### A COMIDA

Quem não conhece a polenta, o pão, o salame, a macarronada, capeletti (ministra) e massas em geral da culinária italiana? A Itália é também famosa por outros acontecimentos como o Império Romano e o surgimento histórico do Renascimento, País que sediou um dos maiores acontecimentos da história, como o Império Romano e o Renascimento,

A comida italiana adquiriu uma popularidade impressionante, não somente no país de origem, mas em todo o mundo. O segredo está nas técnicas sofisticadas, originalidade e uma maneira simples de produção que resultaram em pratos especiais que sobreviveram ao tempo e evoluíram. Sem contar, com o clima familiar, a comida italiana está muito relacionada com o cotidiano da população que reside no país, pois os italianos gostam de sentar-se a mesa e apreciar o momento. A cozinha italiana é muito diversa.

Vamos nos ater apenas na região de onde vieram nossos antepassados, ao norte da Itália, cujas regiões são populares por sua comida requintada, a culinária é formada por molhos, salames, linguiças, presunto, risotos, polenta, queijo Parmigiano Reggiano, o parmesão (de Emilia Romagna), além de vinho e a trufa branca de Piemonte. No Brasil, muitos italianos imigraram para o país buscando melhores condições de vida e, portanto, contribuíram para a formação cultural e culinária, e além disso integraram produtos brasileiros na sua culinária enriquecendo assim os seus pratos (Comidas típicas)

## 4.1 Importância e histórico da polenta

Com toda a certeza, a polenta foi o alimento que significou muito para a migração italiana, não só pelo fato de fazer parte de sua cultura, mas porque ela possibilitou a alimentação e assim a permanência dos camponeses na terra. Um prato muito barato, com muita energia, nutrientes necessários para a dura lida do campo e ao mesmo tempo combina com produtos da própria terra, carne de porco, salames, queijo ou então frangos e ovos. A polenta feita por nossos antepassados e que continua como tradição no sul do país é considerada como um alimento autêntico da culinária italiana.

A polenta é uma comida popular não só da Itália, mas também é consumida em outros países da Europa como: Croácia, Eslovênia, Portugal, Áustria e Bósnia. A origem da polenta é muito antiga, historiadores encontraram indícios de que ela era consumida na antiguidade, os gregos por exemplo, usavam um prato semelhante. Este prato tornou-se popular em Roma. Entretanto não usavam os mesmos ingredientes da polenta que chegou ao Brasil.

A polenta que aqui veio junto com os migrantes italianos usava como ingrediente principal o milho, que é originário da América Central, onde era alimento base dos povos da época como os incas, maias e astecas. O básico para a alimentação cotidiana era preparado com derivados deste cereal. Este alimento tinha também um forte significado simbólico religioso: servia de oferenda aos deuses. O milho e seus derivados só se popularizaram na Europa a partir do Século XV, após o descobrimento das Américas. As nonas e as mamãs da região Vêneto é que tornaram este prato famoso (Caminho do Vinho)

## 4.2 Polenta

A bela polenta vem do milho produto prezado  
Debulhar o milho e fazer a seleção, melhor grão  
Trabalho de criança, porém, cuidadoso, só o ouro  
Ponta da espiga descartada, tudo otimizado.

Entra em ação as companheiras, as mulas novamente  
Ao moinho de roda d'água é levado, menino montado  
Em geral com vizinho combinado, melhor não só  
Lá vai o menino, a mula e o anjo da guarda, e a semente.

Quantas histórias destas pequenas viagens  
Felicidade, ansiedade e medo se misturam  
As mulas nem sempre tão dóceis, amigas  
Eu mesmo fui vítima dessas traquinagens.

Fogão à lenha, 'mescola', panela de ferro,  
tudo reluzente. Dona de casa faz a mistura,  
não deixa marinheiro. A colher de pau, vai mexendo  
numa só batida, transformando o produto do celeiro.

Quarenta minutos rodando em círculo,  
Cozimento perfeito, no fundo da panela, a crosta  
Uma verdadeira arte, a casquinha,

Depois de cozida vai para o "il panaro"  
Virá-la de uma vez, nova arte, destreza  
Redondinha, fumaça saindo e daí para a mesa  
Um fio, maestria, alegria da família Scolaro.

Para ilustrar colocamos aqui esta canção popular, bem humorada e que descreve poeticamente com algum bom humor o sentido da polenta na culinária e na vida dos migrantes italianos que em sua maioria, no sul tiveram como origem a região do Veneto, no norte da Itália.

La Bela Polenta  
Autor desconhecido  
Canto popular Veneto – 1919

Quando se planta la bela polenta, la bela polenta  
Se planta cosi  
Se planta cosi

Oh!, oh!, oh!, la bela polenta cossi  
Tcha-tcha-pum  
Tcha-tcha-pum  
Tcha-tcha-pum-pum-pum-pum

Quando se cresce la bela polenta, la bela polenta  
Se cresce cosi, se planta cosi, se cresce cosi

Quando se flora la bela polenta, la bela polenta  
Se flora cosi, se planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi

Quando se talha la bela polenta, la bela polenta  
Se talha cosi, se planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi, se talha cosi

Quando se moe la bela polenta, la bela polenta  
Se moe cosi, e planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi, se talha cosi, se moe cosi

Quando cose la bela polenta, la bela polenta  
Se cose cosi, se planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi, se talha cosi, se moe cosi  
Se cose cosi

Quando se manja la bela polenta, la bela polenta  
Se manja cosi, se planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi.se talha cosi, se moe cosi  
Se cose cosi, se manja cosi



Quando se gusta la bela polenta, la bela polenta  
Se gusta cosi, se planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi, se talha cosi, se moe cosi, se cose cosi  
Se manja cosi, se gusta cosi

Quando se enche la bela paciência, la bela paciência  
Se perde cosi, se planta cosi, se cresce cosi  
Se flora cosi, se talha cosi, se moe cosi  
Se cose cosi, se manja cosi, se gusta cosi

Oh! Oh! Oh! Bela polenta cosi!  
Tcha-tcha-pum  
Tcha-tcha-pum  
Tcha-tcha-pum-pum-pum-pum  
(Comida Italiana)

### 4.3 Pão

O pão nosso de cada dia nos dai hoje (Lc 11,3). Este é um dos pedidos mais conhecidos, presente no pai nosso ensinado por Jesus, mas também bem presente no cotidiano. O alimento é o bem mais sagrado para o ser humano. Por isso esta é uma das orações mais conhecidas. Para os descendentes de italiano, se a gente pode falar em profano e sagrado, a polenta pertenceria ao profano, comer para ir para a roça, é a força é a energia. O pão pertenceria ao nível do sagrado, o pão não se dá para o cachorro, é comida presente em todas as refeições e lanches. Para quem mora em Goiás é como se fosse o arroz, não pode faltar.

Com Milton nascimento dizemos:

“Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão  
E se fartar de pão”  
(NASCIMENTO)

Trigo colhido, trilhado, vendido  
Trocado por farinha, branquinha  
Massa sevada, fermento natural  
da batata o levedo era preparado.

Menino busca a vassoura, legitima  
Varrer a brasa do forno, deixar seu odor  
Outro arruma a lenha, acende o fogo  
Brasas incandescentes, aquece e anima.

Fermento atua, massa logo dobra  
O calor do fogão de lenha auxilia  
Hora de dar forma aos pães, enrolar  
Para a palha de milho se aninhar.

Forno varrido, calor dos tijolos a refratar  
Pão na palha assa, sem queimar, perfeito  
Em pouco tempo sai redondo, douradinho,  
E a mãe, pão quente faz mal, a recomendar.

Cheirinho de pão novo, barriga a roncar  
Pão novo, mesa, alegre e sacia a família  
Quanta mistura, geleias, queijo, salame  
Sem falar do mel, associado á nata, angelical.

Iniciamos e concluímos com a arte de Milton Nascimento

Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel

(NASCIMENTO)

#### 4.4 Macarrão

Mãe Ângela era cozinheira, como se diz, de mão cheia, as massas, sinto, só de pensar, o seu cheiro, imagino, qual sonho, a fumacinha saindo da travessa, o colorido do prato era um convite a um belo prato. Quanta saudade! Também pela comida.

Massa, que do trigo provem  
Que delícia, não era coisa de todo dia  
'Espagheti,' 'taiadelle,' macarrão furado  
Farinha branca e ovos, água também.

Massa homogênea, mãos delicadas, firmes.  
Momento de deixar descansar, embrulhada.  
Hora de afinar a massa, passar no cilindro  
As bolhas estourando é o sinal, uniforme.

Na máquina a rodar, força e destreza  
O produto não pode grudar, enfarinhar  
Na mesa estendida, amarelada pelo ovo  
Tempo para secar, serviço da natureza.

Fogão de lenha, panela de água fervente  
Fios, ou cubinhos a mergulhar, espuma!  
Cuidado para não se juntar, isolar  
É preciso agilidade, o ponto conveniente.

O molho? Não podia ser de outra forma  
Valor equivalente, dá o sabor, enriquece  
Com frango, salame fresco, ou tomate  
'Al sugo,' o preferido, beleza e aroma.

E o queijo, não tem como faltar, toque final  
"Macarrão sem queijo igual namoro sem beijo".  
Parmesão à brasileira, queijo curado, cuidado  
Banha, pimenta do reino e o tempo, original.

#### 4.5 ‘Tortei’ de abóbora (*tortelli di zucca*) e Capeletti

Na casa dos nonos Joaquim e Ângela estes eram pratos de dia festivo, aos domingos, dias de santo de guarda, ou então nos aniversários. Os ‘tortei’ de abóbora, não era uma comida que se pudesse contar sempre com ela, dependia do tempo das abóboras cabotiá, ou morangas. Os “capeletti” já podia ser mais comum bastava a massa e carne de galinha.

Mais uma vez a massa, mesmo processo  
Primeiros tempos esticada com garrafa  
Alisada, espessura na medida, com carinho,  
retângulos ou quadrados, difícil confesso.

Característica principal, fundamental, o recheio  
Combinação de sabores fortes e agri doces  
O doce da abóbora e o salgado picante do queijo  
O equilíbrio requer perícia para não ficar feio.

Mãe Ângela o recheio e a massa aprontava  
Depois vinha o mutirão, trabalho animado  
Sobre massa corta em retângulo, tipo pastel  
Vinha o recheio, na medida, e se fechava.

A massa era dobrada por cima do recheio  
E com os dedos prensar a duas partes, cuidado  
Retirar o ar, vedar para a água não entrar  
Não afinar demais para não estourar, arte, cheio.

Tempero simples, não superar o gosto especial  
Frango ao molho, tomates, manteiga, queijo ralado  
Sentar à mesa, rezar, enfim, saborear a delícia  
Para completar, vinho tinto Scolaro, fundamental.

## 4.6 La ministra Capeletti

‘La minestra’ (sopa típica da culinária italiana), era um dos pratos fundamentais em nossa alimentação, era uma comida do cotidiano, praticamente todos os dias, no jantar e nos domingos, em geral, no almoço, uma ministra mais de festa, como o famoso “capeletti ou agnolini”, ou sopa de macarrão com caldo de galinha. Tudo muito delicioso. No dia a dia as sopas eram muito variadas, sopas de feijão, sopas usando caldo de osso de vaca e simplesmente com pão, queijo, sopa de ervilhas e legumes em geral, com macarrão ou arroz, até sopa de leite se fazia.

Nos três estados do sul, pela forte influência dos imigrantes do norte da Itália – especialmente das regiões do Vêneto e Lombardia, pratos como “tortei de zucca”, o “capeletti”, a “ministra”, a “polenta”, o “risoto”, e a “fortaias” são pratos muito apreciados (FERNANDA).

A ministra não podia faltar, era sagrada  
Prato de entrada no jantar, frio ou calor  
Inconfundível o seu sabor e quanto valor  
A mãe ‘bambini’ a chamar, na mesa, a vida.

Comida simples, de feijão, ervilha, chuchu  
Coisas plantadas, colhidas, na horta, quintal  
Não importa, o que fazia a diferença, o caldo  
De galinha, de gado, e a sobremesa de sagu.

No inverno dobrava o valor, sopa quentinha  
Que delícia, aquecia até o coração, o dedão  
Nutria e aquecia, uma beleza, tirada da natureza.  
Alguns dias o aviso, depressa, hoje tem a santinha.

#### 4.7 Frango (Galinha) com batata

Mais uma vez uma comida tipicamente dominical, festiva. O sábado à tarde ou véspera de dia festivo era dia de matar frango que com alguns dias de antecedência estava preso numa gaiola comendo apenas milho. Este processo era realizado para que o frango limpasse o sangue pelo fato de que frangos ou galinhas comem de tudo o que encontram pela frente.

Processo de matar o frango, destroncado  
Pendurado de cabeça para baixo, perícia  
Sangue aproveitado, no pescoço permanecia,  
Amarrado nas extremidades, cozido, apreciado.

Do pescoço, pés, costelas, pontas de asas  
O caldo, saboroso para a sopa, primo prato  
O complemento: arroz, massas, capeletti  
Excelente prato, para o inverno, coisa da casa.

Frango era cozido e, depois ao molho acrescentado  
À batata, o sabor do frango penetrava, amarelava  
O arroz ou macarrão acompanhava, água na boca  
Cardápio, combinação de sucesso, comprovado.

Antes do almoço um trago era sagrado,  
Os homens uma graspa de qualidade sem igual  
Alambique do Joaquim que servia também as mulheres  
Uma graspa na uva curtida ou de folha de figo

#### 4.8 Culinária com ovos

Comida a base de ovos era fundamental para o sustento da família, estava presente sobretudo no café da manhã, praticamente no cotidiano, no jantar era muito comum também. Ovos fritos, mexidos, cozidos e a deliciosa “fortaia”, além de estarem presentes nas massas, pães, doces. Vamos aqui nos referir à deliciosa “fortaia”

La fortaia – a omelete italiana

Ovo batido e aí a criatividade  
A combinação que faz a diferença  
Sal a gosto e se quiser uma pimenta  
gostoso e saudável, a qualquer idade.

As mais comuns à italiana  
Queijo fresco, toque especial  
A recomendação, cuidado, moderação  
Muito gostosa, mas não vegetariana.

Na mesa de migrantes camponeses  
O formidável, delicioso salame  
Nesta receita vai bem fresquinho  
Feita no restaurante, garantia de fregueses.

“A la matina, colación” a minha preferida  
Muito simples, cheirosa e gostosa  
A cebola refogadinha, gordura quentinha  
Ovo bem batido, a todos dava nova vida.

Finalmente para agradar “a tutti no qualquno”  
A indispensável e cotidiana polenta “brustolada”  
Uma parceria ao ânimo, forças e alegria  
Resistência ao trabalho duro “fino a mezzogiorno”.

#### **4.9 Comidas ainda mais festivas e mais raras**

Alguns pratos eram muito especiais e por isso não faziam parte do cotidiano, se repetiam poucas vezes ao ano, dois deles estão bem presentes na minha mente e eram sempre esperados com certa ansiedade e alegria só de pensar. Pai Joaquim e mãe Ângela sempre criaram ovelhas, elas tinham uma função fundamental, o aquecimento no tempo do frio e olha que muitas vezes era muito intenso, temperaturas abaixo de zero eram muito comuns nos tempos de inverno. Da lã eram confeccionados os

acolchoados, pelegos para montar as mulas, blusas, cobertores ou até mesmo vendida para comprar o necessário para não passarmos frio. Pelo menos duas vezes por ano era o prato do dia, ovelha assada no forno, isto na Páscoa e no Natal.

#### 4.9.1 A ovelha assada

Correr no pasto e prender o animal  
Só para quem estava em forma  
Na lã se agarrar, e o ovino prender  
Cachorro nem pensar, acostuma mal

Sangrar, tirar o couro, com todo cuidado  
A lã abençoada, não pode encostar na carne  
Cuidado também para não cortar o couro  
E o pelego salvar, montar, dormir, curtido.

Agora é temperar a carne, tudo na véspera  
Serviço de Joaquim, sal, alho, bastante sauvia  
Para completar, vinho branco ou vinagre vai bem  
Deixar pousar no tempero, compasso de espera.

Cedinho, fazer fogo no forno, lenha preparada  
Tudo na medida certa, tem que ser no ponto  
O assado preparado, braseiro retirado, varrido  
A carne em forma, no forno colocada, ser assada.

Agora uma espera vigilante e paciente  
Se apressar queima, pouco calor não assa  
Ciência, conhecimento, um olhar, o ponto certo  
A carne vai frigindo, cheiro bom e conveniente.

Pronto, perfeito, cor, odor e sabor  
Para a mesa vamos saborear, comemorar  
Não sem antes a oração cotidiana expressar  
Assim a família reunida celebra, grande valor.



Outro prato mais especial ainda eram as famosas passarinhadas, hoje seria considerado um crime, naquele tempo eram abundantes e provocavam grande estrago nas pequenas plantações de trigo. Antes ou depois do plantio, junto com nosso quase tio, família de Paulo Baseggio, se fazia a caçada, uma rede especial era a armadilha, um pequeno roçado, depois de colher o milho, se queimava e ali uma ceva, quirera, e no dia da caçada levantar de madrugada, adultos, jovens e a gurizada, comida para os passarinhos, uma rede içada e todos escondidos, silêncio absoluto, quando a passarada se reunia, de repente aquela algazarra, todo mundo gritando, correndo, espantando em direção à armadilha. A rede balançava, a gente comemorava, como na hora do gol, pobres bichinhos, mas a seu tempo uma festa.

#### 4.9.2 Passarinhada

A caçada já foi contada, alegria da gurizada  
Depois vinha o mais difícil, muita peninha  
Vai e vem contínua de muitas mãozinhas  
Era preciso ser retirada, avezinha despenada.

Espetinhos de taquara verde  
Um passarinho, um toucinho e raminho  
Saúvia era o ideal, um sabor todo especial  
Para a forma e para o forno quente.

Um processo lento, sem pressa, se espera  
Na sala os homens jogavam baralho  
No quintal os meninos, muita diversão  
Penso que isto era mais importante que a comida.

Acompanhava a bela polenta' brustolada'  
Com o molho do passarinho regada  
Queijo parmesão ralado, salpicado.  
Estava pronto o prato, faltava a salada

'Radiquio', almeirão e/ou agrião  
Um tempero muito típico, não faltava  
"Lardo", bacon fritinho, cebola, sal  
Vinagre na frigideira quente, má que bom.

Mesa servida, uma grande alegria  
Mas na verdade os meninos depressa comiam  
Era preciso continuar a brincadeira  
Sempre o mais interessante da festa, "mama mia".

## 5

### AS BEBIDAS

Ao falar de bebida não podemos jamais esquecer que a grande preocupação da família e a gente percebia isto nos vizinhos era uma boa água para beber e para cozinhar. A água em nossa casa era encanada desde meus tempos de menino, mas me lembro de uma fonte perto da casa, onde a gente buscava água de balde quando era bem menino. A fonte de onde vinha a água da casa ficava protegida por um pequeno bosque, até hoje funciona, mas outras bebidas tinham uma função muito importante na vida diária e elas dependiam da safra da uva.

#### 5.1 O vinho

A sabedoria não vem automaticamente com a idade. Nada vem - exceto rugas. É verdade, alguns vinhos melhoram com o tempo, mas apenas se as uvas eram boas em primeiro lugar. (ABIGAIL VAN BUREN)

No dia em que nossos pais celebraram as bodas de ouro vários padres concelebraram, o filho padre, é lógico e mais alguns amigos, entre os quais meu grande amigo, que recordo aqui Padre redentorista Claudio Steffens “in memoriam”, numa conversa com a família ele perguntou a meu pai o que ele mais tinha sentido falta, quando migrou de Antônio Prado para Caçador e

ele respondeu, o vinho. As outras coisas a gente foi dando um jeito. Acontece que nos dois primeiros anos de Caçador aconteceu temporais de granizo e a safra da uva se perdeu. Aí se revela todo o seu gosto e identificação com o vinho, ele dizia brincando, “as minhas uvas sempre ficam boas e o segredo é o seguinte: eu bebo vinho e graspa e depois vou para baixo do parreiral e assopro, este é o melhor remédio”.

Joaquim um apaixonado pelo bom vinho  
Não qualquer produto, preferência o seu  
Na falta deste, com seu irmão procurava  
Mas ficar sem, só mesmo o seu vizinho.

O seu bom vinho, para beber um ritual  
Não bebia sem vidro, copo ou garrafa  
Refeição como fosse missa, pão e vinho  
Comida sem vinho, “ma nó” nada espiritual.

O ritual obedecia aos momentos certos  
Café da manhã, almoço, lanche e jantar  
Como o padre na hora da missa, disciplina  
Com visitas no porão, amigos, conagraçamento.

De preferência vinho tinto, o branco ia bem  
Para o consumo e venda, uma fonte do dia  
Meninos não bebiam, o vinho uma passagem  
O reconhecimento de vida, adulta ou jovem.

O vinho, com certeza, produto mágico.  
Bom para a sede, o desejo e a saudade  
Está relacionado ao calor, e até paixão  
Mas cuidado, beber muito pode ser trágico.

## 5.2 A graspa

A graspa é um produto muito saboroso e ao mesmo tempo muito forte com alto teor alcoólico, por isso deve ser bebido em pequena quantidade. Meu pai, chegava da roça, lavava as mãos e depois disso um gesto sagrado, procurar a garrafa de graspa e tomar alguns goles, isto antes do almoço e jantar. Ela é provida a partir do bagaço que sobra do vinho, sobretudo as cascas fermentadas, a produção é semelhante à produção de cachaça de cana, com uma diferença, mais trabalhosa, vai ao alambique duas vezes. Na primeira vez sai um líquido pouco alcoólico, que se chama gredo, este é levado novamente ao alambique e aí sai a graspa ou grapa. Um amigo meu e da família padre Pedrinho Guareschi, sociólogo redentorista, diz até hoje, que aquela graspa é a melhor do mundo. Realmente nosso pai era um mestre e passou muito bem a sua arte para os meus irmãos Tranquilo e Henrique.

Alambique de brasas reluzentes  
Das cascas da uva fermentada  
um produto bem ardente, paixão  
vida, amizade, alegria, sol nascente.

Alambique, lenha incandescente  
Do produto a borbulhar, líquido ralinho  
Se transformando, cristalino eficiente  
Ao provador, tornar a vida um presente.

Alambique, insolente, irreverente  
Água saborosa chama o id para a cena  
Valiosa ao forte e indigente, calor abana!  
Equilibra, id, ego e supergo, novamente

Alambique, produtor, semente  
mundo novo, sem raça ariana, humana  
até Freud beberia arduamente, bacana  
projetos do bem viver, historicamente.

Ao alambique e ao seu produto, fruto  
Meus agradecimentos, sacramento  
De nosso pai Joaquim, presença viva  
Ângela, raramente bebia, que encanto!

## 6

### OS DIAS INTERESSANTES

A vida de agricultor, pequena propriedade com produção familiar, não é nada fácil, é trabalhar de sol a sol de segunda a sábado, descanso só nos domingos e dias santos de guarda ainda bem que naquele tempo tinha muitos, porque feriado nem pensar, era como dia qualquer. Criança trabalhava também, desde que desse conta da enxada lá ia também. Alguns dias eram muito especiais e de certa forma, para a menininha principalmente, eram dias diferentes e interessantes.

#### 6.1 Matar porco

Este é um dia de muito trabalho, porém era em casa, na sombra, e os meninos faziam tarefas diferentes das do cotidiano e por isso saía da rotina.

Levantar cedo e fogo no tacho  
Enquanto a água esquenta o café da manhã  
Porco gordo no chiqueiro, um ou dois  
Fartura de banha, carne na lata e salame

Depois de limpo e aberto,  
trabalho de menino: lavar as tripas  
estas serviam para o sabão do dia a dia  
levar pedaço, cada vizinho mais perto.

Na mesa, descarnado, as mulheres ajudam  
Cortar o toucinho, picar a carne do salame,  
Preparar as tripas, moer a carne e temperar  
Carne moída e temperada, na tripa se aninha.

O toucinho picado vai para o tacho  
Em pouco tempo banha quente e cheirosa  
É hora de por na lata, muito cuidado  
Num lugar seguro e fresco guardar, eu acho.

Nada se perde, o bucho cheio muito gostoso  
Não sei a receita, uma grande mistura  
Rins, língua, coração, pele e não sei o que mais  
Só sei que depois que saia do forno era valioso.

Carnes com osso eram fritas e iam pra lata  
A sabedoria popular para poder guardar  
Não havia ainda como congelar, conservar.  
Carne diferente e saborosa, a mente relata.

No outro dia cedo, não dá para esquecer  
Salame fresco frito e uma fatia de polenta  
Coisa que muito bem assenta e sustenta  
A gente comia, gordura no lábio a escorrer

## 6.2 Filó

Se perguntarmos o que é filó aqui em Goiás a resposta será um tecido ou um fio. Mas os descendentes de italianos conservam o filó como uma tradição antiga, que poderíamos aqui até traduzir por mutirão. Filó em seu nome, vem de fio, se parece com festa e na realidade é uma festa. No início era uma reunião para ajudar o vizinho(a) a fazer fio de linhaça, aos poucos começaram a levar comida, e o trabalho começou a virar uma festa. Enquanto as mulheres e as crianças faziam o fio, os homens jogavam baralho (quadrilho ou bisca).



Isso acontecia a noite, ou final de semana, em geral à noite, nas horas de descanso, se reuniam com vizinhos, além de promover o filó era um encontro de trocas de experiências de todo e qualquer tipo. Os homens conversavam suas experiências na lavoura, na lida dos animais, etc, as mulheres sobre cozinha, cuidado com as crianças, vida de família. A criançada se reunia e brincava.

Um dia sempre sagrado no mês era o dia da capelinha, o vizinho vinha em nossa casa e no dia seguinte íamos na casa dele. Nesse encontro acontecia as trocas de experiência e a oração do terço. Em alguns lugares da Serra Gaúcha foi se tornando tradição uma verdadeira festa, é a polenta feita na hora, acompanhada de dois tipos de molho. o pão, o salame frito, a tábua de frios, bolos e assim vai... Muitos sucos naturais, feitos na hora, e três tipos de vinho. Outra função do filó ficar de olho no filho da vizinha e vice-versa, mais uma função social. Ali também se contava muitas histórias, causos e até piadas (GAUCHA ZH)

O filó de Caçador ó quanta saudade  
Dia muito esperado, o trabalho suavizado  
Menino, não há de se vê, alegria, animação  
Aquilo era encontro, a maior felicidade

Padrinho Paulo Baseggio, o chamávamos  
Embora não fosse padrinho de todos  
O carinho era tão grande, Paulo e Joaquim  
Como irmãos sempre caminhavam.

O filó, duas vezes por mês era sagrado  
Capelinha de nossa senhora de Fátima  
Em casa passava, outro dia Paulo e Maria  
Era mais um dia celebrado e abençoado.

Dia de sábado, nada combinado, surpresa  
Casa do vizinho, o destino, conversar, rir  
As vezes até chorar, socialização natural  
Acabava sempre num jogo em torno da mesa.

Mesmo de surpresa não faltava algo de comer  
Bolachas, amendoim torrado, pipoca, gostoli  
Bolo café, chá, e o bom vinho pra alegrar  
Horas felizes, nunca tardava é preciso repousar.

Na mente de menino a espera feliz  
Ninguém tanto ansiava pelo encontro  
Era tanto menino, virava uma festa  
Deus abençoava, alguém contradiz?

### **6.3 Casamentos**

Os primeiros casamentos da família Scolaro e Baseggio, as festas foram em casa, no porão com Baile no paiol, sanfoneiro ao vivo, eita festança boa, era muito tempo de preparativos, as bolachas e doces eram feitos com antecedência. O churrasco era servido no porão da casa ao lado das pipas de vinho, só alegria., Aurélia casou-se com Gildo, filho de meu Padrinho Francisco (Chico) e Henrique casou-se com Ana filha do Padrinho Paulo Baseggio, lembro muito bem, as duas festas começaram cedo terminou de madrugada e no dia seguinte os convidados para assar o churrasco e servir eram convidados do almoço. Eu era menino, mas lembro muito bem, quando os noivos estavam chegando era aquele foguetório, seu Joaquim amava os fogos, de meio dia Churrasco, pão e maionese, cebola em conserva, vinho e refrigerante, no meio da tarde servia o bolo dos noivos, café, bolachas e outros doces, uma coisa de louco, a gente quase passava mal, nestes dias não tinha o controle da mãe.

Sem descartável, preparar pratos, conservas  
Copos, talheres, mesas e bancos, enfeites  
Dia de fazer as bolachas e doces, geleias  
Carnear uma vaca, novilha, já de reserva.

Cortar a lenha, já pensada, para o churrasco  
Fazer o buraco, churrasqueira improvisada  
Lona emprestada, a chuva pode acontecer  
Nada podia ser esquecido, não fazer fiasco.

O casamento acontecia na cidade, o padre  
Igreja de São Francisco, única no tempo  
O casamento era sagrado por isso com missa  
O religioso primeiro e depois o civil compadre!

Parentes de longe iam chegando, que festa  
Clevelândia, Antônio Prado, Ipoméia  
Até nona Luiza nos deu alegria, uma simpatia  
Os compadres, a vizinhança, como uma floresta.

Coral improvisado, mas bem afinado  
Belas canções, italianas e sertanejas  
Tons de melancolia e saudade de algo  
O roceiro e o migrante ainda inconformados.

E no final alegria e tristeza, alguém sai de casa  
Aurélia, foi com seu marido morar, logo ali!  
Henrique por uns tempos ficou, Ana se despediu  
Em pouco tempo, Chopinzinho, criou asa.

Muitas coisas para contar, travessuras  
Brincadeiras, adultos virando criança  
Tudo é clima de festa, alegria extravasada  
Um pouquinho do céu vivido, ou aventuras!

## 6.4 Dias de chuva

A chuva sempre era uma benção, mas significados diferentes, para o Pai e a mãe uma benção porque não podia faltar para as plantas, para o abastecimento da água para casa e para o gado. A chuva para todo ser humano tem um grande significado, porem para o roceiro é ainda mais especial, uma relação muito íntima e necessária. As crianças, meninos que acompanhavam o serviço duro da enxada ou da foice, a chuva era como se fosse um feriado, havia trabalho, mas muito maneiro como cascar milho no paiol, desfiar lã ou coisas parecidas.

Nuvens escuras, vento, trovoadas  
O céu anuncia e a terra se abre  
Acolher a água uma irmã servidora  
Pra que a fome seja sempre saciada

As folhas se movem, os pássaros se calam  
Procuram abrigo, num silêncio alegre  
Aa natureza uma missão, produção  
no céu, as nuvens, abundancia, desaguam.

A família toda feliz, sinal de fartura, alegria  
Plantas crescendo, florescendo, sorrindo  
Joaquim e Ângela, tranquilizados, agradecidos  
Criançada, sorriso largo, na roça não é dia.

O descanso, entretanto, **não é total**  
Serviços domésticos, atrasados, ao abrigo  
Cascar milho, desfiar lá, ordem no porão  
Ajudar na cozinha, serviço sacerdotal.

O jardim também se alegra, e sempre as flores  
Não podiam faltar, a origem do meu olhar  
Elas sorriem, parecem até ao Pai louvar, bendizer  
Ao sol se abrir, alegria total, grandes valores.

Dia de dormir mais, da roça sair correndo  
Uma maratona, nem cansava, banho de chuva,  
coisa benfazeja, pingos por vezes gelados,  
doía, mas nada continha, anjos protegendo.

Deus Pai seja louvado por tantas maravilhas  
A chuva, o sol, as flores, as frutas e ervas  
Vida as vezes sofrida, nunca nos faltou amor  
Joaquim, Ângela e Aurélia, ó Pai sua presença brilha.

## **6.5 A trilhadeira e um verdadeiro mutirão**

Talvez poucas pessoas conheçam hoje, mas nos meus tempos de menino, vixe, era coisa da modernidade. A trilhadeira era uma dessas máquinas utilizadas para beneficiar grãos, assim se debulhava; descascava e trilhava cereais como feijão, milho, trigo, sorgo, arroz, etc. A trilhadeira chegava em nossa casa movida por tração animal, em geral por bois, ou então mulas, na época ainda não se usava o trator. Essas máquinas não dispunham de motor próprio, elas eram acionadas por correias acopladas a uma polia de um grande motor. Como a nossa região era muito acidentada a introdução da colheitadeira demorou a chegar.

Como já descrevi anteriormente falando da produção de trigo, os agricultores colhiam suas safras e as colocavam em montes ou feixes na própria lavoura. Depois da trilhagem, os grãos eram ensacados e postos nas carretas (carros-de-boi), ou carroças puxadas por mulas, para serem transportados e armazenados nos antigos galpões. Depois surgiram as Ceifadeiras (colhiam e trilhavam). O uso das trilhadeiras no Brasil se inicia nos anos trinta e se intensificam nos anos quarenta (JANDOR, 2009).

Um mensageiro anuncia, a caminho  
Amanhã a trilhadeira chega, preparem  
Joaquim se anima, semblante feliz  
Para trilhar el formento, avisa o vizinho.

Um dos melhores trabalhos, sem dúvida  
Trabalhar com os amigos, vira brincadeira  
Um mutirão com a família Baseggio, um sonho  
Famílias unidas, o pão do ano, farinha escolhida

As famílias se reuniam trilhadeira chegava  
Avisar o vizinho, quanta alegria, chegou o dia  
Tudo deixava, nada mais importante, juntos  
Trabalho, pinguinha, almoço, a bica despejava.

Uns do celeiro tiravam, o maquinista sabiamente  
Aos poucos alimentava, dentes fortes, debulhava  
Crianças abriam o saco, adulto despejava,  
O saco ia enchendo, rendia, alegria, muita semente.

Nada se perdia, a palha na vinha, seu destino  
Da erosão protegia e umidade e adubo garantia  
Além de serviço de enxada facilitar, que graça  
Piniqueira no corpo, que nada, puxado por equino.

Por vezes, conforme a hora da chegada  
Ou mesmo a produção dois dias necessários  
Uma beleza, nada melhor, uma diversão  
Até a caçada dos ratos era coisa abençoada.

No dia seguinte (s) a mesma história se repetia  
Todo mundo no padrinho Paulo, animação  
Trabalhar, comer e brincar, o que há de melhor?  
Na saudade ficava e a gente no coração, só alegria.

Dezembro, mês abençoado, trilhadeira e natal  
Mutirão, festa, presente, pássaros cantando  
a Deus sempre agradecendo, louvando, bendizendo  
E o ano, vai deslizando, alucinante, reta final.

## 6.6 Dia das bolachas

As bolachas não eram um produto ou alimento de consumo diário, eram como que uma reserva de qualidade, se comia aos domingos no café da manhã ou no lanche da tarde, no dia de uma visita inesperada em dias de filó. Quando se fazia era pra durar bastante tempo, davam muito trabalho e exigia da família um mini mutirão, eram muitas latas de bolachas de várias espécies que eram armazenadas e deixadas longe do alcance das crianças.

Mãe Ângela preparava as massas  
As receitas conservadas por gerações  
Vinham da bisavó, trazidas da Itália  
em cadernos amarelados, que graça.

Depois na máquina, formatos diversos  
A manivela girava num só compasso  
E a tesoura cantando, no mesmo ritmo  
Bolachas colocadas na forma como versos.

Novamente o forno de lenha, preparado  
Lenha da boa, braseiro incandescente  
A vassoura retira as brasas e cinzas  
Fica apenas o calor, para o bom assado.

Depois de algum tempo, lá estavam  
Douradinhas, uma beleza pura, doçura  
Vontade de comer quente, na hora  
Mas os adultos, de olho, não deixavam

Finalmente esfriadas, para a mesa  
Um belo lanche acompanhado de café  
Ou chá mate leão com leite, saudade  
E assim seguia a tradição e a família coesa.





## BRINCADEIRAS DE NOSSA INFÂNCIA

No cotidiano da vida das crianças não havia muito lugar para brincar, desde muito cedo além da escola, o trabalho fazia parte integrante da vida. Por isso, está mencionado em meu texto que os pais preferiam filhos homens, pelo fato de que poderiam em breve auxiliar na lida da lavoura. As nossas vestimentas do dia a dia eram pequenos macacões, calças curtas com suspensório já costurados, feitos de brim santista se não me engano, nossa mãe é que costurava e remendava. O trabalho infantil, fazia parte do processo de subsistência das famílias, era também a garantia da continuidade na linhagem da família e ao trabalho no campo.

Nesse contexto, sobrava pequenos intervalos para as brincadeiras, intervalo do almoço e depois de tirar o leite no final da tarde até a hora do jantar. Brincar mesmo de verdade e até mesmo tirar o atrasado era no domingo, na parte da manhã em casa com os irmãos e à tarde, normalmente nos juntávamos às crianças do padrinho Paulo, eles vinham em casa ou a gente ia a casa deles, a gente ia alternando. As brincadeiras nestes momentos eram, andar de carrinho de lomba feitos por nós mesmos, jogar bola, ir para o mata catar alguma fruta, andar de balanço em casa ou na mata com cipó, ou pega-pega, bandeirinha, ou brinquedo similar. Outra brincadeira que acho de origem inglesa a gente chamava de “ca moi”, veja só, a gente dividia em dois grupos e se escondia. Ao sinal a gente podia atacar, quando a gente avistava alguém do outro grupo a gente gritava “ca moi” e o nome dele.

Este estava morto e assim a batalha continuava. Um companheiro que encostasse nele o ressuscitava. Coisas muito criativas.

Os nossos carrinhos tinham muita criatividade, Silvino ao voltar de férias do seminário nos deu uma sugestão: colocar um banco, com almofada, a gente enchia de palha e cabelo de milho, enfeitava por cima de penas de galinha e cobria com plástico transparente, uma coisa muito chique, uma novidade total. Uma alegria sem igual.

Dois causos interessantes: o primeiro eu conheço pelos meus irmãos, eu era ainda criança de colo, os irmãos mais velhos todos no máximo adolescentes, domingo a tarde, todos em casa, imagina seis homens juntos, na verdade cinco, eu não dava conta de pensar essas coisas ainda. Lá em casa o parreiral ficava no alto, estrada com curso, o carrinho já era de rolimã, a ideia foi, vamos lá em cima e todos montamos e alomba descemos, tudo normal. Quatro rodas e uma tábua comprida cabia todo mundo e eu no colo de alguém e vamos nós, uma alegria, gritaria, felicidade sem medida, viagem ótima até perto de casa. Naquele tempo a cozinha era separada da casa onde ficava o dormitório, muito comum na época pelo medo de incêndio. Bem, a nossa viagem passava entre as duas casas, imagina a ladeira, a velocidade foi grande, sem freio, a gente tinha um sistema de freios, porém acho que não funcionou, e aí curva fechada e capotou, com a proteção dos anjos ninguém se machucou.

O segundo caso aconteceu com personagens principais, Tranquilo e eu: a gente tinha bola de capotão, engraçado não? Mas na época era coisa da modernidade, e além da bola, o mais importante a gente tinha o bico de encher a bola. Um domingo de manhã chegaram em nossa casa, dois irmãos (vizinhos) com a proposta, eles estavam com uma lambreta de madeira e rolimã, e a proposta era a lambreta pelo bico de encher bola, relutamos um pouco, algum charme e logo aceitamos, virgem Maria, o melhor negócio que fiz na minha vida, para nós aquilo era um veículo da modernidade. Muitos anos, brincamos, capotamos, ralamos, caímos no córrego com esta dita lambreta. O Tranquilo

foi para o seminário e eu também e a lambreta ficou com Antônio e Luiza, um certo dia sumiu, a suspeita tia Clementina jogou no mato, no roçado que seria queimado, afinal sumiu.

Domingos a tarde, a hora mais esperada  
Juntar com os vizinhos e brincar, um sonho  
Criança inocente, sem malícias, pureza  
Brincadeira tradicional, aventuras, piazada.

Carrinho de lomba, sobe e desde ladeira  
Nada cansava, quanta rizada, molecada  
A tarde voava, mãe ou vizinha avisava:  
É hora de tirar leite: acabou a brincadeira.

Pega-pega, pular corda, andar de abalço  
Envolvia muita imaginação, criatividade  
Qualquer instrumento virava uma atração  
Até mesmo, no pasto, pegar bezerro no laço.

Brincadeiras tradicionais, outra se criava  
Bolinha de gude, a gente adorava, apostava  
Um velho jogo de bocha, tirado do baú  
Mundo mágico, tudo isso, vida encantava

Anselmo, Sergio, Cirilo e Roberto, vizinhos  
Idade mais próxima, domingos alternados  
Sempre lá e cá, durante a semana, matutando  
Novidade para o domingo, além dos carrinhos.

Procurar frutas no mato, sapecada de pinhão  
Mel de marimbondos, quantas ferroadas!  
Caçar lagartos, deslizar com canoas no pasto  
Banho no córrego, caçar pássaros, eta imaginação!

Assim acaba o dia na maior e santa alegria  
A gente lamentava, batia uma melancolia  
As brincadeiras e a amizade, coisa do éden  
A espera era como a do carnaval, ou aqui a folia.



## 8

### A ESPIRITUALIDADE

Os migrantes Italianos vieram ao Brasil, trazidos por uma falsa propaganda, aqui não encontrara a “cucanha”, vida fácil, onde até as árvores produziam salame. O seu mundo cultural foi atingido e abalado, a religiosidade entra neste rol. Estes nossos antepassados eram pessoas oriundas de um mundo rural, tinham uma visão do mundo ligada ao sagrado. Os migrantes praticamente eram abandonados à sua sorte, na floresta, e assim corriam o risco do acaboclamento. A religião foi o grande sustentáculo para reconstruir o seu mundo cultural, com a devida adaptação.

Durante a semana era trabalho e mais trabalho para não passar necessidade, mas no domingo era diferente, neste dia não se podia trabalhar. Aos poucos foram se juntando, rezando juntos e planejando a vida, foram construindo capelas, ao lado uma pequena escola. No início, o domingo era o pior dia da semana, não podia trabalhar e ai tinha tempo para recordar e chorar a Itália distante. Em pouco tempo o domingo virou dia de festa, se encontrar na capela, rezar o terço, jogar o bocha, baralho e os jovens um futebol (Jornal Semanário).

## 8.1 Dia da capelinha

Muito comum na tradição dos migrantes  
A agregação de um grupo de trinta famílias  
A escolha de uma devoção a Maria  
No caso nosso Nossa Senhora de Fátima.

Uma forma obrigatória de se reunir  
Uma vez em casa e outra no vizinho  
Conversar e rezar juntos, sem muita demora  
No outro dia é cedo, mas é preciso unir

Tradição da religiosidade popular  
O padre pouco presente, muita gente  
Os leigos assumem sua missão  
Vão levando a tradição, sem falhar.

Os meninos no quintal brincavam  
Brincadeiras, diversas, suave, empoeirava  
Ninguém reprimia, era um dia de alegria  
Na hora do terço as vezes dormiam.

Padrinho Paulo o mestre do terço  
Sempre ele puxava, aos domingos também  
Santo homem, com calma, sereno orava  
E a gente com todo o respeito, coisa de berço.

No final uma pequena conversa, ainda  
Um café, uma bolacha, ou copo de vinho  
Sempre em torno da vida cotidiana  
Podia até discordar, mas sem ofender o vizinho.

## 8.2 O capitel

Capitel é um pequeno oratório construído à beira da estrada, muito comum em encruzilhadas. É uma tradição de origem Vêneto, Norte da Itália, fazer o oratório e aí colocar imagens de santos ou de Maria. No Brasil ocorreu uma adaptação desta

prática, em geral os capitéis estiveram associados às histórias das famílias. Na região da Serra Gaucha é onde esta tradição continua ainda muito forte, se preservam, isto porque ali se encontra o início da migração e as terras foram passando de pai para filho e assim se preserva mais as tradições.

Esses capitéis eram construídos para proteger as famílias, suas plantações e suas criações. E por outro lado para agradecer a muitas graças alcançadas, muito ligadas a saúde e doença. O Capitel bem próximo de nossa casa é preservado até hoje e dedicado à nossa Senhora de Salette. Todo ano ali se realiza uma novena no mês de setembro. (GAUCHA ZH)

### 8.2.1 Novena de Salette

Setembro primavera, as flores  
Além da beleza natural, sem igual  
Uma novidade pela frente: novena  
A gurizada se assanhava, sim senhores

Era tempo de rezar, o terço e ladainha  
Nove dias seguidos, a vizinhança reunida  
Apenas a reunião a reza e nada mais  
Mas ninguém faltava, sem campainha.

Belos Alpes da França, Montanha de 'Salette'  
Duas crianças, pastores e a aparição  
Uma senhora camponesa vem vestida  
E um convite à conversão, sem ser marionete.

A preocupação a mãe de Jesus  
Busca de bens e no domingo trabalhar  
Durante o trabalho nome de Deus em vão  
Era preciso mudar ou arcar com o ónus.

Essa história era preciso recordar  
Nos nove dias o caminho retomar  
Os filhos do bem, não ficam órfãos  
Mas é sempre preciso evangelizar.

### **8.3 Festas das comunidades**

Já nos referimos a existência de inúmeros costumes e tradições italianos que ainda estão presentes nas regiões de cultura ítalo-brasileira. As festas tradicionais dedicadas aos santos de sua devoção continuam a ser celebradas mantendo a cultura italiana por meio de música, dança, religião, culinária e muita conversa. Assim são as festas das capelas. A nossa família costumava participar anualmente das festas da nossa comunidade, linha Cará, São Pascoal, São Francisco de Sales, linha São Francisco, São Sebastião e São Pedro, onde tínhamos tios e muitos primos residindo. São Pascoal e São Vicente (FERNANDA).

#### **8.3.1 São Pascoal**

Curiosamente a comunidade da linha Cará, á qual a família Scolaro fazia parte embora residindo na Linha São Francisco, celebrava e festejava dois santos que não eram de origem italiana, São Pascoal, o padroeiro, espanhol de origem e São Vicente de origem francesa e que era protetor das vinhas. Isto se explica pela influência dos padres que davam assistência religiosa na época (Missionários de São Francisco de Sales) que tinham origem Francesa ou Suíça. A nossa participação na comunidade do Cará se explica pela distância praticamente a mesma e pelo fato de que muitos primos de meu pai estarem residindo naquela comunidade.

São Pascoal Nasceu na Espanha no ano de 1540. A origem do nome é pelo fato de que nasceu no domingo de Páscoa, seus pais assim expressaram a sua religiosidade. Este homem simples e humilde, sem estudos, viveu apenas 52 anos com muita devoção à eucaristia, cultivava verdadeira paixão por Jesus no sacramento da eucaristia. Era um simples pastor que não teve oportunidade de estudar, mas aprendeu a ler. Tinha o desejo de



conhecer a verdade, e quanto mais aprendia a ler, e se tornou um apaixonado pela leitura do Evangelho e tudo o que lia procurava colocar em prática em sua via.

Nesta leitura apaixonada pelo Evangelho, sentiu um chamado para a vida religiosa. Procurando seguir e responder a este chamado foi para Valença, convento Franciscano, renunciando a tudo para seguir a Cristo. Foi sempre um homem simples procurando fazer tudo o que era mais simples, em tudo adorando a Jesus Sacramentado. Seu espírito de obediência era sem limites e por isso aceitou levar uma carta a França, numa época em que entre a França e a Espanha haviam grupos que combatiam os cristãos, ele desejava ser mártir da obediência. Além da devoção ao Santíssimo Sacramento, cultivava um grande amor à Nossa Senhora. Aos 52 anos contraiu uma enfermidade que o levou à morte no dia de Pentecostes (CANÇÃO NOVA).

### **8.3.2 São Vicente**

A festa de São Vicente era celebrada em nossa comunidade tradicionalmente no dia primeiro de janeiro, junto com a festividade de Nossa Senhora Mãe de Deus, também lembrada neste dia. Esta data antecedia a colheita da uva.

Domingo agora, 22 de janeiro, os franceses comemoram o dia de Saint-Vincent, padroeiro da vinha e do vinho. A data será lembrada com festas e orações por parte dos vinhateiros, que vão pedir por um bom ano e que o santo proteja os vinhedos das calamidades naturais. Seu nome verdadeiro é San Vicente de Zaragoza, nascido na Espanha e martirizado no século IV d.C. É venerado por fiéis de todo o mundo, mas curiosamente apenas na França é tido como patrono das pessoas que trabalham com vinho.

Final do ano sempre muito esperado  
A partir de novembro era alegria  
Muitos feriados e muitas festas  
A meninada então, só se alegrando

As festas aconteciam de janeiro a fevereiro  
Todas antecedendo a colheita, era sagrada  
Proteção aos Santos era necessária  
Da boa colheita dependia o ano inteiro.

São Vicente, São Sebastião, São Francisco,  
São Pedro jamais poderia faltar, patriarca  
Em todas aquele churrasco e refrigerante  
O pai carregava o seu vinho, sem risco.

Cedinho pegar as mulas, arrumar carroça  
Conforme o número, a grande ou pequena  
Bancos forrados com pelego colorido  
E lá vamos nós, uma alegria, sem roça.

Café da manhã com buchada, uma delícia  
Comida polêmica, entre o amor e o ódio  
Tradicional entre migrantes Italianos  
Porém da Itália não veio, nem da Fenícia.

Depois era a missa, coisa muito solene  
Não faltava o coral, lá em cima, maestro  
Antônio era o regente, professor, boa gente  
E a procissão com o santo, tradição perene.

Os fogos não faltavam, na época indispensável  
Era hora de acabar a reza e almoço começava  
Sinal de festa, mas as mulas sempre assustavam  
O dono acalmava, cuidado responsável.

Churrasco fincado no chão, bosque lado da Igreja  
Pão, maionese, o vinho, refrigerantes, suco  
A família sentada ao chão, que tempo bom  
Ai alegres se bebia e comia, ‘mama mia’ sem cerveja.

A parte da tarde, para menino como valor mágico  
Que encanto, barriga crescida de refrigerante  
O jogo dos cavalinhos o preferido, imagina só  
O dinheirinho recebido do pai, fim até lógico.

Muitos prêmios, vinho e licores, vários sabores  
Tudo era guardado como troféus na cristaleira  
Bebidos em dias de festa, filó ou de visitas,  
Alegria da festa, ficavam expostas, como valores.

#### **8.4 Natal dia do Menino Jesus**

Quando menino a gente não tinha ideia do que era Papai Noel, os padres ensinavam que papai Noel era uma festa pagã e tinham razão e ensinavam aos pais que quem trazia os presentes era o menino Jesus. Ele vinha montado no burrinho, acompanhado de Maria e José. Era preciso que a gente deixasse água e comida para o burrinho. Durante a semana que antecedia a gente descascava muito milho para encontrar milho diferente e mais bonito, era comum encontrar algumas espigas de milho vermelho, sempre o vermelho! Eram as mais bonitas e estas eram reservadas para o animalzinho. A gente colocava nossos sapatos e lá junto esse alimento e a água.

Dia de levantar cedo, que alegria. A gente era pobre, mas nunca nos faltou nada e no natal, o presentinho sempre chegava para fazer a alegria da criança.

Quase madrugada ainda e cadê o sono?  
tanta ansiedade que muito cedo acordava  
mais do que de pressa os presentes, olhava  
os demais alertavam e, realidade ou sonho?

Junto com os presentinhos, doces, que lindo!  
Menino se lambuzava, sorria e corria  
Ao meio dia a ovelha assada no prato  
Sol, flores, verão, com chuvas, bem-vindo.

Almoço, carne assada, a ovelha, saborosa  
Os acompanhamentos, prato sensacional,  
A família reunida comia, bebia e sorria  
Eita tempo bom, demais da conta, qual rosa.

O espírito natalino era belo e pleno  
Um dia muito mais que mágico, fantástico  
Para nós era como um dia de Disney  
Ou então bem mais próximo, Beto Carrero.

## **8.5 A reza do terço**

Já instalados em suas colônias, nos momentos mais difíceis, os migrantes apelavam invariavelmente para a proteção divina. Quando sentiam a saudade da pátria, da terra natal, dos familiares, dos amigos ou de tudo o que era do seu vilarejo; quando sentiam a solidão, o sofrimento ao enfrentar um novo mundo; quando surgiam conflitos familiares, doenças ou frustrações nos negócios, sua mente se dirigia, em especial, a Nossa Senhora e aos Santos de sua devoção. Por isso, a grande frequência às celebrações litúrgicas e aos sacramentos, reunida, mereceria um estudo maior como um encontro familiar de intimidade, de reflexão, de conforto e de conciliação (SANTIN, s/d)

Também são de suma importância a oração em família e a participação em cultos e festas. Para Beneduzi (2008), a reza do rosário em família, praticamente todas as noites e as 138 ladainhas de Nossa Senhora, seguida de outras orações, eram praticadas pela maioria dos italianos. Essa prática faz parte das atividades formadoras do ideário religioso e mantenedoras do atermamento das famílias à igreja. No tempo de catequese, as orações eram todas em italiano e rezava-se o terço todas as noites, ajoelhados, antes de dormir. Atualmente, muitas famílias, conforme informações obtidas com produtor do município de Progresso, têm o costume de rezar o terço, principalmente quando a capelinha vem. (Tombini, 2016 p. 137-138).

### 8.5.1 O terço diário

Uma coisa era sagrada todo dia  
A família se reunia para o jantar  
Depois um pequeno descanso,  
Mamãe e as crianças, iam a pia.  
Logo papai chamava, rezar o terço  
Um a um todos, na sala se ajoelhavam  
Papai e mamãe não tinham instrução  
Educação, respeito, oração, de berço.

Ave Maria a gente rezava, devoção  
Palavras engolidas, na primeira parte  
Mas no final sempre saía o Jesus.  
Tudo necessário para nossa salvação.

Para Maria lugar reservado no nosso lar  
Ó saudade daquele tempo, inocência  
Devoção sob vários nomes, Aparecida,  
Fátima ou Graças, cada uma com seu lugar.

Muito cedo mamãe nos fazia decorar  
Pai Nosso, Ave Maria, creio em Deus Pai,  
Salve Rainha e Santo anjo para proteger  
Fé e confiança e assim a vida entregar.

Salve Rainha era a última a ser recitada  
Quando criança, oração era sagrada,  
Entretanto finalizar a oração, uma benção.  
Todos com muito sono, reza até apressada.

Boa noite e vamos todos para a cama  
Descansar no abençoado colchão, de palha  
É verdade, mas cheio de amor e carinho.  
Cobertas quentinhas a aconchegar a alma.

## **8.6 Dias santos de guarda**

Pelo que vivi posso garantir que a família Scolaro e pelo menos grande parte dos migrantes italianos, cultivavam uma religiosidade muito forte, uma fé e crença na proteção divina. Foi assim que Ângela e Joaquim, após perder duas safras seguidas de uva para temporais com granizo, com uma pua abrem um buraco no poste do canto do parreiral e ali aninham uma medalha de Nossa Senhora das graças. Depois disto tivemos até prejuízos com temporais, mas nunca mais houve, uma sequer perda total. O vinho sempre deu para salvar.

A fé, ou a crença se baseavam nos fundamentos da doutrina cristã, e na prática concreta das verdades da religião que lhes foi ensinada, pela igreja, mas principalmente por meio de seus pais. Esta prática se manifestava na frequência à missa, todos os domingos meu pai e padrinho Paulo, cedinho encilhavam suas mulas e lá iam para a cidade, participar da missa, mais tarde a família comprou uma Ford F 350, daí para a frente toda a família e a vizinhança iam para a missa aos domingos.

A tarde mais reza, era a vez do terço na capela de São Pascoal, e como já citamos a reza cotidiana do terço. Dia da capelinha, novenas completavam o quadro. Nas paredes da sala e dos quartos quadros de Jesus, Maria e santos eram abundantes, proteção sem quantia.

Cada santo tinha a sua função  
Um para proteger os animais  
Outros ao encargo dos parreirais  
Produção variada, tanta devoção.

Santa Barbara, lembro da mãe  
Pronunciar o seu nome e proteção  
Em momentos de trovões, vento  
Relâmpagos, o apelo e se resolvia.

San Jenaro, santo para todos favores  
Favorecer o time de coração no futebol  
Ganhar bom prêmio na loteria federal  
As causas impossíveis, a ele os louvores.

São Vicente ao lado da Senhora das Graças  
Missão fundamental, lá de cima olhar  
A colheita farta e o pão e vinho não faltar  
A vinha protegida, garantia de polenta e massas.

Nossa Senhora de Aparecida, mãe negra  
Esta devoção pela rádio foi chegando  
Os padres redentoristas, grandes pregadores  
Pelo ar, boa nova, ensina impor a regra.

Todos os santos e santas de Deus,  
devoção muita, da proteção não duvida  
Primeiro de novembro era festa  
A criançada alegre, mãos aos céus.

## 8.7 Catequese

Um velho catecismo de perguntas e respostas, mamãe mal sabia ler, mas a missão ela assumia, aos filhos a doutrina cristã ensinar. Isso realmente dá saudade, os pais não deixavam de seus valores aos filhos transmitir. Educação, respeito, às vezes muito autoritários e até com certa violência, mas dentro de seus limites os valores essenciais para a vida nos ensinavam. A mãe Ângela assumia esta missão de ser nossa primeira catequista, ensinando a doutrina que estava neste velho catecismo e com seu testemunho concreto nos criou pessoas honestas e com valores como amor pelo trabalho, respeito aos mais velhos, amor e temor a Deus, o valor da oração, a confiança na proteção divina. Lembro vagamente de um pequeno catecismo, já bem danificado e que era ainda em italiano e a primeira pergunta era: “sei Cristiano? Si sono Cristiano per gracia de Dio”.

### 8.7.1 Catequese em família e na comunidade

É bom, fazer uma viagem no tempo  
Buscar na mente história e vivências,  
Explicar nossa formação religiosa  
Que alegria, para o caminho, um alento.

Pai Joaquim, um olhar severo, um gesto  
Para a roça nos levava, ainda crianças  
Exigência por vezes exagerada, ensina  
O seu ofício, agricultor, homem modesto.

Mamãe, programas religiosos, sagrados,  
Todo dia ouvia, os conselhos guardava,  
Coração manso de mãe, erros cobrava  
Lição do catecismo tomava, tudo decorado.

O ensino da catequese era completado  
Na capela são Pascoal, Helena Tomazini  
Era preciso saber, Pai nosso, Ave Maria  
Creio, resposta, pelo padre tudo tomado.



Esta memória de educação de forma geral, costumes, cultura, tradição, valores, religiosos ou não, pode ser ilustrada com duas canções/poesias, uma de um grande compositor e músico Ataulfo Alves e outra que traz muito do sentimento religioso Padre Zezinho. Registro aqui também a saudosa lembrança de meu primeiro professor, Antônio Bazeggio Neto. Lá de casa apenas os mais velhos não tiveram a graça de ser seu aluno, muito conhecimento e muita sabedoria, sabia muito bem ser enérgico sem ser autoritário, a todos conquistava, ensinava e com a gente brincava. Nas redondezas, naquela época, não havia professor ou professora tão bem preparado, e não esqueço que era uma escola multisseriada: Escola Estadual Colônia Polidoro. Graças a ele, no seminário, quando fiz exame de admissão fiquei em primeiro lugar disparado. Bons tempos, velhos dias que não voltam mais, mas de nossa lembrança nunca sairão.

#### Meus Tempos de Criança

Eu daria tudo que eu tivesse  
Pra voltar aos dias de criança  
Eu não sei pra que que a gente cresce  
Se não sai da gente essa lembrança

Aos domingos, missa na matriz  
Da cidadezinha onde eu nasci  
Ai, meu Deus, eu era tão feliz  
No meu pequenino Mirai

Que saudade da professorinha  
Que me ensinou o beabá  
Onde andaré Mariazinha  
Meu primeiro amor, onde andaré?

Eu igual a toda meninada  
Quanta travessura que eu fazia  
Jogo de botões sobre a calçada  
Eu era feliz e não sabia.

(ALVES)

Utopia  
Das muitas coisas  
Do meu tempo de criança  
Guardo vivo na lembrança  
O aconchego do meu lar  
No fim da tarde  
Quando tudo se aquietava  
A família se ajuntava  
Lá no alpendre a conversar

Meus pais não tinham  
Nem escola e nem dinheiro  
Todo dia o ano inteiro  
Trabalhavam sem parar  
Faltava tudo  
Mas a gente nem ligava  
O importante não faltava  
Seu sorriso, seu olhar

Eu tantas vezes  
Vi meu pai chegar cansado  
Mas aquilo era sagrado  
Um por um ele afagava  
E perguntava  
Quem fizera estripulia  
A mamãe nos defendia  
E tudo aos poucos se ajeitava

O sol se punha  
A viola alguém trazia  
Todo mundo então pedia  
Pro papai cantar com a gente  
Desafinado  
Meio rouco e voz cansada  
Ele cantava mil toadas  
Seu olhar no sol poente

Correu o tempo  
E hoje eu vejo a maravilha  
De se ter uma família  
Quando tantos não a tem  
Agora falam  
Do desquite ou do divórcio  
O amor virou consórcio  
Compromisso de ninguém

Há tantos filhos  
Que bem mais do que um palácio  
Gostariam de um abraço  
E do carinho entre seus pais  
Se os pais amassem  
O divórcio não viria  
Chame a isso de utopia  
Eu a isso chamo paz

(ZEZINHO)

## **8.8 A função do rádio e do jornal**

Nesta questão de religiosidade ou espiritualidade há um elemento, ao meu ver fundamental, os meios de comunicação, especialmente rádio e jornal. Uma coisa que é interessante mencionar é que em casa e na casa do padrinho Paulo desde que me lembro, talvez até antes de nascer, tinha energia elétrica. Padrinho Paulo, José Padilha e meu Pai se juntaram e construíram uma pequena barragem, na divisa de nossa terra e a de Paulo, no córrego Jacutinga, daí saía um rego d'água, que movia uma grande roda d'água, e um dínamo produzia a energia, praticamente apenas para as lâmpadas à noite. Posteriormente, José Padilha foi retirado, ou se retirou da mini associação, o porquê desconheço. A energia servia para a luz, somente durante a noite e para carregar a bateria utilizada no rádio, um grande rádio,

parecia uma caixa de abelhas. A principal função deste rádio era a de ouvir as notícias e programas religiosos, especialmente da Rádio Aparecida. Os programas sagrados eram: ao meio dia, durante o almoço, silêncio e todos ouviam o programa ‘Os ponteiros apontam para o infinito’ com o padre redentorista Vitor Hugo de Almeida, as 13 horas o programa ‘Marreta na bigorna’ com o padre também redentorista, Rubens Leme Galvão. Por fim as 15 horas, este lembro que a mãe ouvia, juntamente com os meninos que estivessem em casa, ‘consagração a Nossa Senhora Aparecida’. Outro meio de comunicação que chegava em nossa casa semanalmente, era o jornal ‘Correio Riograndense’.

O Correio Riograndense é um jornal digital brasileiro editado na cidade de Caxias do Sul pela Associação Literária São Boaventura de posse da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. O jornal, que possuía circulação semanal em todo o território nacional, tem uma linha editorial voltada para a agricultura familiar, religião, comportamento, meio ambiente, com linha clara em defesa da vida, como propósito dos proprietários. O jornal é um dos mais antigos do Brasil.<sup>[1]</sup> Foi fundado em 13 de fevereiro de 1909 pelo padre Carmine Fasulo sob o nome *La Libertá*, publicado em língua italiana. Pouco tempo depois, foi adquirido pelo paróco de Garibaldi, cidade para onde o jornal foi transferido com o nome de *Il Colono Italiano*. Em 1917 foi adquirido pelo frei Bruno de Gillonnay, que lhe deu o nome de *La Staffetta Riograndense - settimanale catolico de la colonia*. A partir de 1941 houve a proibição de jornais em língua estrangeira, o que obrigou a publicação a ser então nomeada de *Correio Riograndense*, passando a ser publicado em língua portuguesa. Em 1952, voltou a ser editado em Caxias do Sul. A versão online surgiu em 2 de setembro de 2015. (disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio\\_Riograndense](https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_Riograndense). Acessado em 14/11/2019).

A versão impressa do jornal semanário da Serra deixou de circular 09/02/2017, porém continua até hoje em sua versão digital e continua sob a responsabilidade da Ordem dos Frades Menores, conhecidos como Capuchinhos. Praticamente todos os integrantes da comunidade religiosa da capela de São Pascoal da linha Cará tinham assinatura deste Jornal, ele chegava pelo correio todos juntos na comunidade e aos domingos meu pai levava para casa. Era a leitura que a gente fazia, por falar em leitura lembro também vagamente de um livreto de quando eu era pequeno que se chamava ‘Nanetto Pipetta’, escrito no dialeto vênето. Esta obra, pesquisando hoje, descobri que se trata de uma obra literária e de ficção, que tem como autor Aquiles Bernardi (1924), este livro foi lançado em comemoração pelos 50 anos de chegada dos primeiros migrantes italianos ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A princípio estas histórias eram publicadas no correio Rio Grandense que na época se denomina “La Staffetta Riograndense”, posteriormente, em 1937, os contos foram reunidos e publicados como um livro. Enfim o Jornal Correio Riograndense era muito lido, lembro que para meus pais uma página muito lida era onde trazia notícia das comunidades, especialmente das comunidades da Serra Gaúcha, e de modo muito especial as notícias de quem havia morrido e por isso liam para ver se havia gente conhecida.

Quando criança a gente lia algumas coisas por curiosidade ou um adulto lia para a gente algumas daquelas histórias. Neste Jornal tinha muitos artigos de formação religiosa. Então a Radio Aparecida e este Jornal tivera uma influência muito significativa na nossa educação e na formação religiosa e de caráter de toda a família. A influência de um lado era dos padres Redentoristas e de outro a dos padres capuchinhos, Franciscanos de Ordens Menores. Meu pai sempre falava que gostaria de ter um filho capuchinho porque ele gostava dos padres que usavam barba. Um deles acabou sendo redentorista.

Ao meio dia, hora de todos na mesa  
Pai e mais alguns chegavam da roça  
Comida quentinha no fogão a lenha  
Era hora de silencio, família coesa.

O silêncio era total, só talheres, a proposta  
No rádio a voz firme do missionário  
Padre Vitor Hugo de Almeida, Sabedoria  
Vez por outra, pai ou mãe: “guarda, escolta”.

Depois da fala sempre eloquente do padre  
A observação, comentários, pai, mãe ou tia  
Uma verdadeira catequese, ali acontecia  
Todo dia era sagrado, conversa de compadre.

O respeito sem igual, ai de quem falasse  
A gente pouca coisa entendia, pensava  
O pensamento por vezes longe, no além  
Ora pensava: “ser missionário, que classe!”

## 9

### OS SONHOS

Antonio Prado é famoso pelo número de caminhoneiros que andam por este Brasil, existem muitas anedotas a respeito e música como esta, que já fez muito sucesso lá pelo sul. Abaixo citada na versão traduzida para o italiano, na verdade dialeto vêneto, talvez até um pouco abasileirado. Mas meu pai não era diferente dos demais Antonio Pradenses e acalentava até certa idade o desejo de um caminhão, talvez até para algum dos filhos trabalharem, este sonho não se realizou, talvez até o tenha abandonado depois de algum tempo

Outro sonho era de uma fazenda, este em parte ele até realizou. Nos anos setenta comprou uma terra de cinco colônia, cada colônia equivale a 10 alqueires, sendo que o alqueire de Santa Catarina é de 24.000 m, assim tinha uma terra de 60 alqueires ou 30 alqueires em Goiás. Esta terra era de mata, ele desmatou, plantou milho e aos poucos foi transformado em pastagem, e ali chegou a ter cerca de 100 cabeças de gado.

Outro sonho era ter um filho padre, isso era uma obsessão, os filhos todos iam achando a ideia interessante pela insistência do pai e da mãe, por suposta vida mais fácil do que a do agricultor e não havia outra alternativa para estudar, e também pela influência de todo o sentimento religioso da família

e pelas pregações diárias dos padres da radio Aparecida. E lá se foram um a um, alguns logo voltavam, outros pelo meio do caminho retornavam para casa, outros foram mais longe, um chegou a usar batina. E por fim um realizou o sonho que afinal já não era sonho só dos pais, mas também de toda a família Missionário Redentorista se tornou. Mas uma dúvida sempre o acompanhou: ser padre ou constituir uma família, a vocação, o chamado eram fortes para os dois lados, decisão muito difícil e necessária.

O pensamento sempre foi: vou até onde der conta de segurar, vida dúbia não me convinha. Assim depois de 12 anos de vida celibatária, esta vida resolvia deixar e constituir família e a eleita foi Silvia Alves Tavares, com ela temos dois filhos, Francisco Alves Scolaro e Gabriel Joaquim Scolaro. Mas a vocação e o sacerdócio não foram perdidos, outras formas de servir encontrei e a felicidade continuou. Nesta decisão a mãe havia falecido e o pai um choque levou, este era seu grande temor, mas aos poucos serenou, tranquilizou e ao nascer Francisco aqui em Goiás me visitou, à festa de aniversário de Dom Tomaz fomos participar, e o bispo para sentar ao seu lado o chamou, aquilo o impressionou. Depois veio o Gabriel Joaquim, os dois adoravam este nono, pouco tempo conviveram, mas até hoje recordam com saudade do nono querido.

## **9.1 O caminho**

Para ilustrar este sonho não realizado, a bem da verdade um pequeno caminho nos anos 60 ele comprovou, na verdade em parte este sonho também realizou. Letra de “sou de Antônio Prado e não tenho caminho”, traduzida para o italiano.



Vivo triste e amargurado

Vivo triste amaro  
Sono di Antonio Prado  
E io non ho un camion  
Ma con la vendemmia  
Quest'anno la cosa cambia  
E comprenderò un inferno di un Filtron  
Prendo l'auto della agenzia  
Vado presto a casa  
Dico addio al mio padrone  
Porto insieme la Giuliana  
E una carica di banane  
di Sao Paulo a Jaguarão.

Me ne vado a Caxias  
etterò corpo  
E tromba di correntela  
Esamino le pastiglie  
Stringo le tornelli  
E anche la segretaria Vera  
Già è pronto il camion  
Per attraversare il Rio das Antas  
E scalare quella Montagna  
Se qualcuno vuole attraversare  
Annuisco lentamente  
Quindi io dico  
Madonna aspetta!

In un incrocio verso in giù  
prendo ferme il volante  
E apro tromba e campana  
Improvvisamente un camion  
mi attraversa di modo sbagliato  
e mi buttò nel fango  
Penso che era di Bento  
Guidava un F.Cento

Ho visto la cosa diventare nera  
Ho sentito solo un fischio  
E mi rivolgo per dietro  
porco cane quasi perdo il carrello.

Vado riducendo la velocità  
è Proprio lì la bilancia  
Arriva el guardia della settimana  
va in macchina e rende revista

Dice buon viaggio autista  
E strizza l'occhio a Giuliana  
Camionista o autista  
viene da dove viene  
Si tratta di una bella professione  
Ridendo, cantando o piangendo  
Domani arriverò  
con un'altra carica di banane

(ANZOLIN)

## 9.2 A fazenda

A lida com gado era uma grande paixão do pai Joaquim, todos temos que ter sonhos, utopias, isto nos ajudam a caminhar e até mesmo alcançar algumas metas. Dos sonhos mencionados aqui nenhum ficou sem alguma resposta.

Um sonho que ia além do parreiral  
Colher uva, fazer o vinho, a graspa  
Isso tudo não podia faltar, a rotina  
Necessário mais que o essencial.

A invernada, pequena fazenda, gado  
Era para o Joaquim um passatempo.  
Assim como para Ângela o jardim  
Esse sonho veio de Antônio Prado.

Vacas bois, bezerros, novilhas, ovelhas  
Antes de tudo abastecer a casa, fartura  
Leite, queijo, lã, carne em abundância  
Na vida da família, muitas maravilhas.

As festas, uma das razões da criação  
Nosso pai gostava das festas e fartura  
Lembro, depois delas quanta sobra!  
Era carne assada em toda refeição.

Muita luta todo dia, não esquecia a criação.  
Aos meninos perguntava pelos porcos  
Comida, água, as vacas na estrebaria,  
As mulas, tudo era como de estimação.

Quando vejo meu filho vibrando, no curral  
Vejo a imagem de Joaquim, ali presente,  
Trabalhando contente, a felicidade, conduz  
Que Deus o proteja de todo e qualquer mal.

### 9.3 Filho padre

É normal que o pai e/ou a mãe se projetem em seus filhos, aquilo que o filho é, é como se fosse ele sendo, por isso quando o filho sofre, sofre como ele, quando o filho vai pelo mau caminho é como se ele estivesse no mau caminho. Quando o filho consegue grandes vitórias ele é vitorioso junto. Com relação aos meus pais acontecia, isso aí, um filho padre significava simbolicamente muito, significava uma ascensão social, um reconhecimento. Quando fui ordenado padre, em 1981, eles tinham um filho prefeito, outro gerente de banco, outro professor, os demais seguindo a sua profissão de agricultor, embora desse valor a todos, o filho padre era a grande benção, era o prêmio máximo. Uma grande responsabilidade, na verdade isto se tornava um grande peso sobre os ombros, por que a incerteza do futuro nunca deixou de existir.

Desejo de ser padre vinha de um chamado  
Chamado muito forte de os pobres servir  
Rezar missa, terço, novena, tudo secundário  
Se não houvesse na prática, amor engajado.

Periferias das cidades, nos campos lavradores  
Não fiquei padre para as madames rezadeiras  
Estar junto, direitos humanos, das amarras libertação  
Não sou padre às belas igrejas e aos grandes senhores.

Sempre pensei em maior importância da Bíblia  
Muita missa sem sentido, e o jovem desvalido  
Bençãos desnecessárias, males legitimados  
Direitos roubados, mulheres violadas, hora de vigília.

Padre para o serviço, dignidade humana  
Menos tempo na sacristia, mais dedicação  
Tempos bons de teologia da libertação  
CEBs, igreja benção que do céu emana.

Nenhum arrependimento de ser ordenado  
Ser redentorista uma grande e alegre benção  
Voltar atrás, diferente não fazia, que graça  
Muitos amigos, aqui no coração guardado.

Saudades, sim e muita, afinal vida feliz  
Recordar velhos tempos, força que conduz  
A nova vida, dificuldades, país no caos  
A família unida, salve, amor vem da raiz.

A morte vencida, não destruída, apagada  
A chama fumega, o caniço rachado, fé  
Ainda é tempo, acredito, novo alento  
No berço alimento, pé firme na caminhada.

Nova forma de servir, professor nova missão  
Igualmente difícil, caminho pedregoso, perigoso  
A doença aparece, não esmorece, esperança  
Sempre há mais espaço e coragem no coração.

Nova vida família, meu porto seguro, farol  
Na mente sempre a sensibilidade, a semente  
Um mundo do bem viver, bem querer, sem ódio  
A família segue junto, a liberdade sempre o sol.

Silvia a primeira, nome forte floresta  
Esposa, companheira, amor e carinho  
Nas horas mais difíceis, sem fronteiras  
Minha gratidão, sorriso, alegria de festa.

Francisco, o primogênito, nome ideal  
Menino lindo, amoroso, trabalhador  
Muito esperado, abençoado, cuidado  
No coração presente, caráter original.

Gabriel Joaquim, menino dos animais  
Sorridente, menino da rua, grupos de amigos  
Mulas, bois e outros mais, cuidado em geral  
Do nome herdou as características gerais.

Ó Pai, abençoei toda a família Scolaro  
Do sul ao norte, por este país esparramada  
Que nada nos separe, apenas a distância  
Que as ideias, diferentes, diversidade, claro.

#### **9.4 Arcangelo, migrante e sua família**

Parece sina da família, está no sangue, a migração continuar, Henrique e Albino ao Paraná, bateram asas e ali suas famílias formar. Luiza e Antônio como destino Blumenau, bela cidade, outra cultura, próximo do mar, para os seus alegrar. Judite, de Santa Catarina também não saiu, mas para um belo lugar partiu, com Milton a Itaiópolis se dirigiu, lugar encantador. Arcangelo, ainda exercendo oficialmente sua missão de mensageiro de Deus, para o centro do país se dirige. Itapuran- ga o seu destino. Muito sonho, muita utopia e assim o grupo

amado deixou, seus amigos redentoristas, não abandonou, sempre inconformado, se desligou. Itapuranga, município de muitas lutas, CEBs, sindicato forte, movimentos sociais em abundância, um fervilhar, com Padre Francisco Capponi foi morar, companheiro sem igual, italiano, temperamento forte, companheiro fiel, logo o bispo o chamou para outra função, separação.

Diocese de Goiás o acolheu, bons tempos tendo a Dom Tomaz Balduino como bispo. Teologia da libertação, CEBs, CEBI, sindicatos, associações, opção pelos lavradores, uma utopia, grandes sonhos, a luta pela terra como uma grande bandeira. Mochila às costas, poucos pertences e entrar nesta caminhada. Depois de seis anos uma grande encruzilhada, dúvidas, dilemas, grande preocupação, uma opção se fazia necessário. O chamado à família foi mais forte, Dom Tomaz a decisão não forçou, e lhe ofereceu continuidade em seu trabalho. Com Silvia Alves Tavares nova vida resolveu iniciar, sem abandonar. Para Itaberaí mudou, e novamente com Padre Francisco Capponi foi morar, outra benção. Aos 15 de novembro de 1993, num encontro de Pastoral da Juventude com Silvia se casou, Padre Francisco o celebrante.

Muita história para contar, dois sonhos se juntaram, a família formar e sustentar e a luta não abandonar e assim foi acontecendo em equipe colegiada a frente da igreja de Itaberaí colaborar. Era preciso pensar em outra profissão, no mesmo ano concurso e aprovação, escola pública foi trabalhar, um verdadeiro choque, grandes dificuldades, mas não desistiu e a galera conquistou. A educação, uma das grandes bandeiras de luta da Igreja da Diocese de Goiás.

Logo vieram os filhos, primeiro Francisco, não podia ser outro nome, o nome Francisco, em minha vida, uma marca

na vida sem igual, na paróquia de São Francisco nascido, na capela de São Francisco batizado, padrinho de crisma Francisco Zampronio, no início Seminário de São Francisco de Sales, em Goiás com Francisco foi morar e grande amizade se estabeleceu, comunidade de São Francisco ajudou a formar, enfim São Francisco de Assis a sua devoção. Assim dia 28 de novembro de 1994, chega Francisquinho, uma grande benção e o nono conquistou, até veio visitá-lo ainda bebê.

Logo em seguida, devagarinho, meio intrometido chega outro menino, e aí um nome forte era preciso encontrar, a princípio seria Felipe, entretanto para Gabriel migrou e para completar nada melhor do que Joaquim, o nome do nono. Assim Gabriel Joaquim veio, no dia 19 de julho de 1996 a família integrar e completar.

Depois destas duas benções na academia resolvi entrar, mestrado em Ciência da religião era o desafio, e que desafio, quase desisti, mas alguma força do além me conduziu e o mestrado finalmente conquistei. E aí para universidade trabalhar, Universidade Estadual de Goiás, o destino, curso de Pedagogia. Muitas lutas e muitos anos ali trabalhei.

Depois de algum tempo o doutorado, o trabalho a exigir, novo desafio, pedras no caminho, quedas, mas novamente as forças do além me levantam e vamos em frente, afinal você é valente. Doutorado em educação, uma pedra de tropeço, mas Ciências da Religião a solução. Apoio incondicional da amada Silvia e dos filhos Francisco e Gabriel. Com muita alegria o doutorado e sua tese defendeu. O seu objeto de estudo no mestrado e doutorado, a caminhada da Diocese de Goiás, uma paixão. A família unida motivo de gratidão, assim tento expressar:

Silvia um amor de pessoa  
Gentil e sorridente, valente  
Nas horas boas, muita alegria,  
Difíceis, não pula da canoa.

Francisco, filho muito esperado  
Bebê lindo e carinhoso, vaidoso  
Dedicado a seu trabalho, amoroso  
Educação Física grande passo dado.

Gabriel, um anjo nos foi enviado  
Às vezes calado, trabalho do campo,  
Um amor à primeira vista, inconteste  
Zootecnia, paixão sem olhar de lado.

A Deus agradeço, linda e bela família  
Várias bençãos, cada um a seu modo  
Separação necessária, pouca distância  
Final de semana, sempre uma alegria.



## A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Vivemos tempos sombrios, tudo aquilo que consideramos valores são relativizados, ou deixados de lado, a sociedade moderna tenta sempre impor os seus valores, não lhe interessa de forma alguma que se mantenha a memória de nossos antepassados, a memória sempre se torna revolucionária, é a história bem contada, revivida que desperta muita coisa adormecida dentro de nós e é capaz de suscitar lideranças que se revoltam e se junte a outros e comece a pensar o presente a partir deste passado.

O tempo presente parece que tudo se desfaz no ar, tudo é descartável, não apenas, os bens materiais, mas também todos os valores que nós como família descendente de italianos sempre prezamos, assim acontece com a própria família e o casamento. Vai se trocando de parceiro como se troca de camisa, a fidelidade, a cumplicidade, o amor, não é levado em conta.

O que importa mesmo é o lucro a qualquer custo e assim as grandes empresas vão sugando o sangue de seus trabalhadores e as pessoas com isso vão destruindo a sua família, não tem mais tempo para ela, e em consequência destruindo-se a si mesmo. Nossa família em alguns aspectos continua sendo uma resistência, muitos valores são mantidos e transmitidos a nossos filhos e nossos netos.

Talvez seja necessário um pouco mais, perceber a divisão social que se propõe e ao lado dos menos favorecido sempre se colocar, não há lugar para ódio, fanatismo, machismo, homofobia, xenofobia, intolerância ou etnocentrismo. Somos todos filhos do mesmo pai, na família o Joaquim e Ângela, no céu o

grande Pai. A vida de irmãos é preciso considerar, desta vida nada levamos, a morte, triste, mas necessária, a todos nos faz igual, coisa fatal, os orgulhosos e os humildes, os ricos e pobres, direita e esquerda, patrões e empregados. Para quem não aceita esta igualdade a vida eterna será o inferno.

Segundo Nora (1993) o processo de dispersão, de um grande esvaziamento de tudo que existia de conservação de valores, de costumes enfim de uma cultura identitária, se deu devido a um processo desencadeado pela mídia, esta como instrumento da sociedade moderna faz entender, segundo seus interesses, que os fatos se sucedem rapidamente, fazendo com que a sucessão dos fatos rápidos ocasione uma mudança da memória anterior voltada para a herança de grupo social. Esta mudança impõe uma memória efêmera, esses fatos supostamente estão ligados a tal da globalidade, contribuindo assim com a destruição da memória, as diversas identidades culturais. Tudo se mostra desconectado, tudo é descartável, desconectados e deslocados da reminiscência grupal. A memória não precisa mais estar na cabeça, não é mais necessária a tradição oral.

Tudo é memória registrada em papel ou em fitas magnéticas, guardadas nos arquivos, refletindo, segundo Pierre Nora, a perda da forma tradicional de transmissão desta memória e por consequência, estimulando a busca novos lugares para consagrar as lembranças dos grupos em vias de desaparecimento, tendo-se o contexto para o surgimento das instituições de memória, como no caso dos migrantes italianos (NORA, 1993, p. 30)

Quero concluir com uma poesia, cântico de Zé Vicente, que serve para os migrantes italianos, retratando toda a dificuldade encontrada, mas vencida e ao mesmo tempo é muito atual. Muito sofrimento ainda pelos caminhos de nossa querida e amada, América Latina.

Pelos Caminhos da América,  
Zé Vicente

Pelos caminhos da América,  
Pelos caminhos da América,  
Pelos caminhos da América,  
Latino América.

Pelos caminhos da América há tanta dor, tanto pranto,  
nuvens, mistérios e encantos que envolvem nosso caminhar.  
Há cruzes beirando a estrada, pedras manchadas de sangue,  
Apontando como setas, que a liberdade é pra lá.

Pelos caminhos da América há monumentos sem rosto  
Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor  
Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,  
Com esbugalhados, vendo avançar o amor.

Pelos caminhos da América há mães gritando, qual loucas,  
Antes que fiquem tão roucas, digam onde acharão,  
Seus filhos mortos, levados na noite da tirania,  
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.

Pelos caminhos da América, no centro do continente,  
Marcham punhados de gente, com a vitória da mão.  
Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade,  
Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.

Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo tempo,  
Vão semeando, ao vento, frases teimosas de paz.  
Lá na mais alta montanha, há um pau d'arco florido,  
Um guerrilheiro querido, que foi buscar o amanhã.

Pelos caminhos da América há um índio tocando flauta,  
Recusando a velha pauta, que o sistema lhe impôs.  
No violão um menino e um negro tocam tambores,  
Há sobre a mesa umas flores, pra festa que vem depois

(VICENTE s/d)

Joaquim e Angela se despediram da gente, desta vida, fizeram sua Páscoa (Angela, 1990 e Joaquim, 1998) uma vida valiosa, não foi em vão. Muita saudade, muita gratidão. Com certeza, no descanso merecido do paraíso estão. Ficou o legado, uma grande responsabilidade: transmitir com sabedoria o que nos ensinaram com AMOR: O SENSO DE JUSTIÇA, A PARTILHA E COMPAIXÃO. Muita saudade, mas a saudade não é ausência. Sinto diariamente a presença dos dois, nas flores, nas plantas, nos frutos, no vinho e no pão. Vejo os dois em minha família, esposa e filhos, e também na minha vocação, na missão que continua, no chamado do papa Francisco: igreja em saída, comprometida com a libertação.

A dor enfrentada pelos nossos ancestrais, continua ainda muito presente, migrantes e povos nativos, continuam numa luta, uma guerra enfrentam, as forças do mal, uma coisa infernal, aos pobres massacra. Bolívia, Venezuela, Chile, Argentina, Brasil e os demais, veias abertas, muito sangue derramado. Nossos ancestrais Scolaro e Schiochet, nossas forças renovai e os valores do Reino de Deus fazei-nos amar e defender. Amém! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Para sempre seja louvado e amado!



## REFERÊNCIAS

ALVES, Ataulfo. **Meus Tempos de Criança** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ataulfo-alves/84080/>. Acessado aos 23/11/2019

ANZOLIN, Valdir. **Vivo triste e amargurado**. Tradução de: Jaciano Eccher. Disponível em: <http://www.brasiltalian.com/2015/01/filtron.html>)

BERTI, Orietta. **Quel mazzolin di Fiori**. disponível em: <https://www.letras.mus.br/berti-orietta/635220/>. Acessado aos 16/11/2019

CANÇÃO NOVA. Santo do dia: São Pascoal Bailão. Disponível em: [.https://santo.cancaonova.com/santo/sao-pascoal-bailao-martir-da-obediencia/](https://santo.cancaonova.com/santo/sao-pascoal-bailao-martir-da-obediencia/). Acessado aos 23/11/2019.

CANCIAN, Renato. Abolição da escravatura - O Brasil demorou a acabar com o trabalho escravo. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/abolicao-da-escravatura-brasil-demorou-a-acabar-com-o-trabalho-escravo.htm>. Acessado aos 03/11/2019

COMIDAS Típicas. **Comida italiana**. <http://comidas-tipicas.info/comidas-do-mundo/comida-italiana.html>. Acessado em 23/11/2019

CORA, Coralina. **A gleba me transfigura**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/5492/a-gleba-me-transfigura>. Acessado aos 18/11/2019

COSTA, Frei Rovílio. Imigrantes italianos, Porto alegre, 2005 [http://www.imigrantesitalianos.com.br/LA\\_MERICA.html](http://www.imigrantesitalianos.com.br/LA_MERICA.html). Acessado aos 04/11/2019

COTTRAU, Teodoro. Santa Lucia.2016. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_Lucia\\_\(can%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Lucia_(can%C3%A7%C3%A3o)), Acessado aos 16/11/2019

COSTA, Marcilena Favarato da. História do Meu Avô. Disponível em. <http://historiasdomeuavo.webnode.com.br/news/a-italia-no-seculo-xix>

FERNANDA. a herança italiana no cotidiano brasileiro, 2019. Disponível em <https://www.superprof.com.br/blog/influencia-italiana-br/>. Acessado aos 22/11/2019

GAUCHA ZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia>. Acessado aos 23/11/2019

GIUSTI, Ângelo. In: COSTA, Frei Rovílio. Imigrantes italianos, Porto alegre, 2005 Disponível em [http://www.imigrantesitalianos.com.br/LA\\_MERICA.html](http://www.imigrantesitalianos.com.br/LA_MERICA.html), acessado em 15/11/2019

HEREDIA, Vânia Merlotti. 120 anos de migração italiana. In: Revista da UCS, **Chronos**, vol. 29 (1996), apud <http://www.italiansworld.org>

JANDOR. Dicionário formal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/trilhadeira/1990/>. Acessado aos 23/11/2019

JORNAL Semanário. **A religião do imigrante como fator de integração, 2017. Disponível em:** . <https://jornalsemanario.com.br/a-religiao-do-imigrante-como-fator-de-integracao/>. Acessado aos 23/11/2019

MARX, Karl. **O Capital. Vol. I. Tomo I.** Coleção Os Economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural. 1985a

MARX, Karl. **O Capital. Vol. I. Tomo II.** Coleção Os Economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985b.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** 2 ed. São Paulo: 2008.

Música Italiana. La bela polenta: canto popular Vêneto. Autor desconhecido. Disponível em: <http://italiasempre.com/verpor/label-polenta2.htm>. Acessado aos 23/11/2019.

NASCIMENTO, Milton. **Cio da terra.** Disponível em <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47414/>

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história:** a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, 1993, v. 10.

SARTORI, Tríssia, Ordovaz. **Saiba como começou a imigração italiana na serra gaúcha.** Porto Alegre, 2015. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/05/saiba-como-comecou-a-imigracao-italiana-na-serra-gaucha-4771629.html>

Portal da pesquisa temática educacional. Disponível em: [https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/imigracao\\_italiana.htm](https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/imigracao_italiana.htm). O caminho do vinho. Um prato consumido por todo o Brasil, a polenta. Disponível em <http://www.caminhodovinho.tur.br/um-prato-consumido-por-todo-o-brasil-a-polenta-2/>. Acessado em 16/11/2019.

Os imigrantes insurretos de Schio que vieram para São Paulo e para o Brás. <http://www2.assis.unesp.br/folquito/teses/tese01/OsImigrantesInsurretos.pdf>

PREFEITUA Municipal de Antônio Prado. **Antônio Prado:** a cidade mais italiana do Brasil. Disponível em: <http://www.antonioprado.rs.gov.br/secao.php?id=1>. Acessado em 23/11/2019.

RIBEIRO Maria Izabel Sá. **Poesia Italiana**. Disponível em: [https://www.pensador.com/poesia\\_italiana/](https://www.pensador.com/poesia_italiana/), acessado em: 15/11/2019.

SANTANA, José Maria. **Dia de São Vicente, protetor da vinha e do vinho**. Disponível em: <http://www.brasilvinhos.com.br/2017/01/20/dia-de-sao-vicente-protetor-da-vinha-e-do-vinho/>

SANTIN, Silvino. disponível em: ([http://labomidia.ufsc.br/Santin/Col\\_italiana/12\\_Caminhos\\_da\\_ImigracaoItaliana\\_No\\_RS-cronicas\\_Acessado aos 23/11/2019](http://labomidia.ufsc.br/Santin/Col_italiana/12_Caminhos_da_ImigracaoItaliana_No_RS-cronicas_Acessado%20aos%2023/11/2019))

TOMBINI, Janaine. Imigrantes italianos e seus descendentes na microrregião oeste do vale do taquari: história ambiental e práticas culturais. Lajeado, **UNIVATES**, 2016. Disponível em <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1599/1/2016JanaineTrombini.pdf>

VERONA, Antonio Folquito. **Pacto Social e Luta Operária em Schio. Revista Brasileira de História**. vol. 17 n. 34 São Paulo, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200002)

VICENTE, Zé. **Pelos caminhos da América**. Disponível em:<http://blogdojoaoc.blogspot.com/2010/07/pelos-caminhos-da-america-ze-vicente.html> Acessado em 16/11/2019.

ZEZINHO, Padre. **Utopia**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/padre-zezinho/utopia.html>. Acessado em 23/11/2019



# MEMÓRIAS

**Família Scolaro**

**SANTO SCOLARO**  
Nascido na Itália no século XVIII

**GIUSEPPE SCOLARO**  
Nascido na Itália 1817-1893  
Emigrou para o Brasil em 1883  
com o filho Santo e netos

**SANTO INÁCIO SCOLARO**  
Nascido na Itália 1844-1893  
Emigrou com o pai e filhos em 1883

**ANTÔNIO SCOLARO**  
Nascido em Antônio Prado 1886-1950

**JOAQUIM SCOLARO**  
Nascido em Antonio Prado 1919 - 1998

11 Filhos, 36 Netos e 19 Bisnetos.

8 Gerações, mais de 200 anos de história.





## Arcangelo Scolaro

Casado com Silvia Alves Tavares Scolaro. Pai de Francisco Alves Scolaro e Gabriel Joaquim Scolaro. Natural de Caçador SC. Licenciado em filosofia, história, sociologia e bacharel em teologia. Mestre e Doutor em Ciências da Religião. Trabalhador da educação como padre da igreja católica e posteriormente como professor da educação básica e ensino superior., hoje aposentado e camponês.

E-mail  
[arcangeloscolaro@hotmail.com](mailto:arcangeloscolaro@hotmail.com)

